



~ São Paulo

a revista oficial do

www.saopaulofc.net

CARLOS AUGUSTO DE BARROS E SILVA,
VICE-PRESIDENTE DE FUTEBOL, FALA SOBRE AS PERSPECTIVAS PARA A TEMPORADA

Nº 135 - R\$5,90
0.013.5
9177141346910001

HOMENAGEM A BAUER, O MONSTRO DO MARACANÃ

PARCERIA DE SUCESSO

MURICY RAMALHO E ROGÉRIO GENI

Carreiras que se cruzam em momentos marcantes na história do clube e do futebol

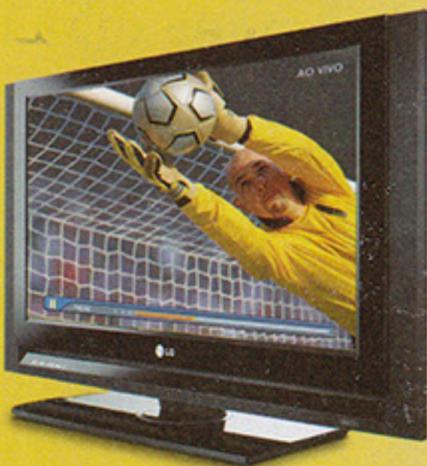
TEM HORAS QUE VOCÊ PRECISA DISCUTIR A RELAÇÃO.
MELHOR PARAR O TEMPO.



É possível gravar das entradas de antena (RF), áudio e vídeo, e vídeo componente, com qualidade de até 480i. Para obter máxima qualidade de imagem sem distorção é necessário sinal digital de alta qualidade em formato widescreen e uso de conversor/decodificador de sinal. Imagens estáticas podem prejudicar a qualidade da tela. Proteja sua audição, ouça com consciência. Fotos Ilustrativas. SAC: 4004 5400 (capitais e regiões metropolitanas) e 0800 707 5454 (demais localidades).

CARLEO PASTORE - EURO RSCG

Time Control: Dá pausa e replay na programação ao vivo • Grava até 33 horas na memória • HDTV Ready



Plasma 42"/50"



LCD 37"/42"

Time Machine
LCD / Plasma



www.lge.com.br

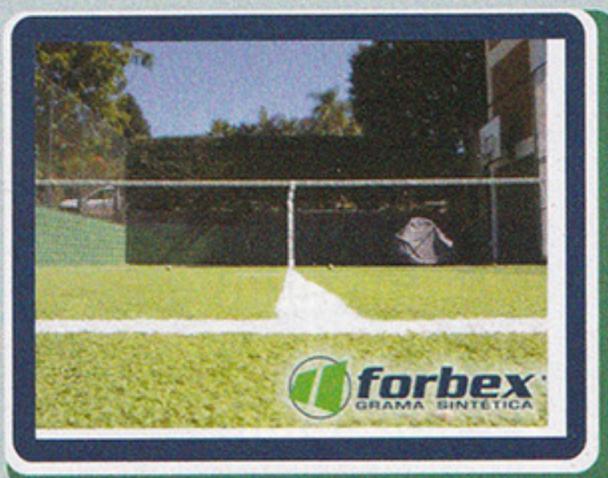


forbex[®]
GRAMA SINTÉTICA

10 Anos no Brasil !!

THIOLON GRASS
innovative action

Qualidade comprovada em mais de 5.000.000m²
instalados em todo o mundo!



Futebol Profissional
Futebol Society
Tênis
Hóquei
Golf
Residencial
Escolar



REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente da Diretoria Executiva
Juvenal Juvêncio

Presidente do Conselho Deliberativo
Ademar de Barros

Presidente do Conselho Consultivo
José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal
Edison Richelmo Zago

EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo
Diretoria de Comunicações

Diretor Responsável

Jorge dos Santos Afonso

Jornalista Responsável

Cinthia S. Gagliardi Tedesco Mtb 29875

Editor

Carlos Mesquita

Reportagem

André Toso, Fernando Savaglia
e Filipe Sansone

Colaboração

Adriano Conder, Alessandro Gonçalves,
Ana Paula Andrade, Denis Moreira,
Felipe Espíndola, Juca Pacheco,
Nicolas Brandão, Rafael Furugen,
Raul Snell Jr., Ricardo Marchesan
e Roberto Minami

Fotógrafos

Rubens Chiri/
Perspectiva

Imagem de capa

Rubens Chiri

Arte

Alessandro Ziegler, Bárbara Cason,
Celso Andrade, Diego Marcato,
Rogério C. Macadura, Stephanie
Liutkevicius e Tânia Martins

Ouvidor

José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone (0xx11) 3749-8000
(publicação bimestral)

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 2141-2770/2700

Impresso pelo processo
direct-to-plate por
Gráfica e Editora Parma



Índice

06 Imagens

O goleiro-artilheiro e mais um belo tento na vitória sobre o Corinthians

08 Entrevista

Carlos Augusto de Barros e Silva, vice-presidente de futebol do clube, fala sobre as perspectivas da agremiação para 2007

12 Marketing

SPFC e Warner Bros. Consumer Products assinam acordo

14 Especial

Os segredos da preparação de goleiros

18 Homenagem

Bauer, destaque na Copa de 1950, despede-se, mas deixa um legado de glórias

22 Capa

A parceria bem-sucedida entre Rogério Ceni e Muricy Ramalho

26 Libertadores

Breve panorama da competição mais importante das Américas

28 Bate-bola

Jorge Wagner, Fredson, Borges, Francisco Alex, Jadilson, Hugo, Rafinha e Marcel

38 Juniores

O trabalho duro das categorias de base

40 Perfil

As batalhas que Leandro travou para se tornar um profissional da bola

44 Exterior

A excursão à Índia

48 Notícias

Batismo tricolor, nova camisa, terceira idade nos gramados, visita do presidente da LG, livro de Selton Mello, São Paulo FC é seleção, site...



JORGE WAGNER • FREDSON • BORGES • FRANCISCO ALEX • JADILSON • HUGO • RAFINHA • MARCEL



Quem planta colhe!

Nos títulos recentes do São Paulo FC, nem é preciso dizer que Rogério Ceni foi um dos atletas que mais se destacaram. No Mundial Interclubes, foi duplamente coroado com o reconhecimento de melhor da grande final e do torneio. No ano passado, no tetracampeonato brasileiro, tornou-se o arqueiro com o maior número de gols da história e ainda foi eleito pela CBF o melhor goleiro e o craque da temporada.

Nesse mesmo pleito, Muricy Ramalho resplandeceu. Pela segunda vez consecutiva, faturou o prêmio de técnico número um do País. Depois das férias, 2007 nem bem tinha começado e ambos apareceram na lista dos dez mais da Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol. O arqueiro ficou em sexto lugar e o treinador, em décimo.

Tais fatos coroam o trabalho de uma dupla que não fica lado a lado em nenhum setor do campo, mas que coordena o trabalho da equipe de seus respectivos postos. A relação entre goleiro e técnico começou na década de 1990. Já como comandante da equipe principal, Muricy Ramalho procedeu em 1996 a uma transição complicada. Tirou Zetti, bicampeão da Libertadores e do Mundial Interclubes, e promoveu Rogério Ceni. Se alguns não gostaram dessa decisão, uma outra fez muita gente saltar da cadeira. No início de 1997, deu ao então novo camisa um a chance de cobrar faltas. Uma completa loucura, que, na prática, terminou revolucionando conceitos.

Após tanto tempo afastados, Muricy e Ceni voltaram a encontrar-se em 2006. E é exatamente essa fantástica saga de afinidade e sucesso que a **Revista Oficial do São Paulo FC** põe em foco nesta primeira e especial edição da temporada. Especial porque traz muito conteúdo. As páginas a seguir apresentam uma série de entrevistas com vários reforços, afora uma conversa franca com Carlos Augusto de Barros e Silva, o Leco, homem-forte do futebol tricolor. Nas grandes reportagens, nossa equipe desvenda como são os treinos diários dos arqueiros são-paulinos, faz uma homenagem a Bauer, eterno Monstro do Maracanã; mostra como foi a viagem do Tricolor à Índia, os frutos de um trabalho bem-feito nas categorias de base, como rolou a parceria entre SPFC e Warner Bros. Consumer Products e a trajetória de persistência de Leandro, que renovou contrato e permanecerá até 2009. Além de tudo isso, há um breve panorama da Libertadores em curso. Até a próxima!

Imagens



GOLEIRO DE UM LADO, BOLA DO OUTRO

Em 11 de fevereiro, pelo Campeonato Paulista, o Estádio do Morumbi serviu de palco para o Majestoso de número 280. Sem perder para o arquiinimigo desde março de 2003, o São Paulo entrou em campo a fim de manter-se entre os primeiros na tabela da competição. Embalado pela goleada sobre o Rio Claro, o Corinthians começou querendo ditar o ritmo. Mas foi o Tricolor que abriu o placar. Após belo chute da entrada da área, Lenílson venceu o goleiro Marcelo e estufou a rede. O segundo tento foi anotado por Rogério Ceni de pênalti (foto) 14 minutos depois e Leandro fechou o marcador ao aproveitar excelente cruzamento de Reasco. O time do Parque São Jorge ainda descontou. Entretanto, era tarde para evitar o 12º jogo sem ganhar dos donos da casa.





FOTOS RUBENS CHIRI

O homem-forte do futebol

Em conversa franca, CARLOS AUGUSTO DE BARROS E SILVA, o Leco, vice-presidente de Futebol e diretor de Orçamento e Controle, traça um panorama dos objetivos do clube na temporada

Por Carlos Mesquita

O advogado Carlos Augusto de Barros e Silva está de volta à vice-presidência de Futebol do São Paulo FC, cargo que ocupou entre 2002 e 2003, durante a primeira gestão do ex-presidente Marcelo Portugal Gouvêa. Daquela época, quando ocupava a chamada Diretoria de Futebol, ficaram os ensinamentos que considera relevantes para sua gestão atual. Afóra estar mais experimentado, conta com a ajuda de Juvenal Juvêncio, presidente tricolor; e João Paulo de Jesus Lopes, ex-vice-presidente de Futebol que agora é assessor especial da presidência. Inteligente, articulado e simpático, Leco, dirigente por cujas mãos Souza aportou no Morumbi, explica algumas situações vividas pelo clube recentemente e fala de contratações e renovação de vínculos, entre outros assuntos que muito interessam à nação são-paulina.

O senhor retorna ao cargo que ocupou entre 2002 e 2003 (*naquela época, diretor de Futebol*). Durante o período em que esteve longe da área, muita água passou por debaixo da ponte. O que está diferente?

Estive de abril de 2002 a maio de 2003 durante o primeiro mandato de Marcelo Portugal Gouvêa. É uma situação nova esta que me trouxe de volta na qualidade de vice-presidente de Futebol, designado pelo presidente Juvenal. Nomeação essa, muito honrosa, que me confere uma enorme responsabilidade. Porque parte de um convite feito por um dirigente que tem paixão por futebol e um sucesso imenso, o que, certamente, transfere a esta investidura maior relevância. Ao mesmo tempo, conforta saber que estou trabalhando com o diretor de Futebol que saiu, já que o João Paulo continua como assessor de Presidência para Assuntos do Futebol Profissional; e com o presidente Juvenal Juvêncio, que não abre mão de conviver e participar das coisas do futebol. Isso, então, transmite certa tranquilidade ao exercício do cargo. Hoje, integro esse triunvirato, além de outros companheiros que nos auxiliam na condição de diretores-adjuntos e possibilitam um exercício mais eficaz. A experiência que aquela passagem me rendeu certamente é importante para que agora eu possa desenvolver mais a contento.

Qual foi o maior acerto daquela época?

Naquela ocasião, o São Paulo teve uma grande equipe a partir de valores que estavam no clube e outros que contratamos. O Souza foi trazido por mim, assim como o Luís Fabiano, por exemplo. Infelizmente, não conseguimos o resultado esperado no Brasileiro de 2002, embora o time tenha disparado na tabela. A equipe estava cinco pontos à frente do segundo colocado e a oito do último, que era o Santos. No confronto, infelizmente perdemos naquela ascensão vertiginosa deles, que teve o surgimento de Robinho, Diego, Renato, Elano, Léo e Maurinho, entre outros. Foi o último ano em que o certame nacional aconteceu sem ser por pontos corridos. Era no mata-mata e, naquele momento, o Santos estava muito bem. Tanto é que terminou sendo campeão brasileiro. Mas aconteceram coisas boas e, como é normal, algumas não deram certo comigo nem com o Juvenal. Isso não depende

“Existe uma expressão financeira muito grande envolvida nisso. Ainda que o São Paulo pague regiamente e de forma diferenciada ao seu jogador, o clube não consegue competir com o mercado europeu”

de nós, do nosso trabalho, da nossa gestão, mas, sim, de outros fatores.

Pelo que se ouvia circulando na grande imprensa, no ano passado o foco era a conquista do Brasileiro. Nesta temporada, o clube aspira a que títulos?

Olhando a questão pelo ângulo dos quatro grandes torneios que vamos disputar, não diria que o São Paulo tem um foco específico. Vamos participar de tudo, pensando em ganhar. Até o Campeonato Paulista.

Depois de conquistar Libertadores e Mundial Interclubes três vezes, o Campeonato Paulista ainda tem graça?

Tem muita graça. Nas partidas realizadas no interior, a torcida local tem prestigiado bastante o time. São verdadeiras

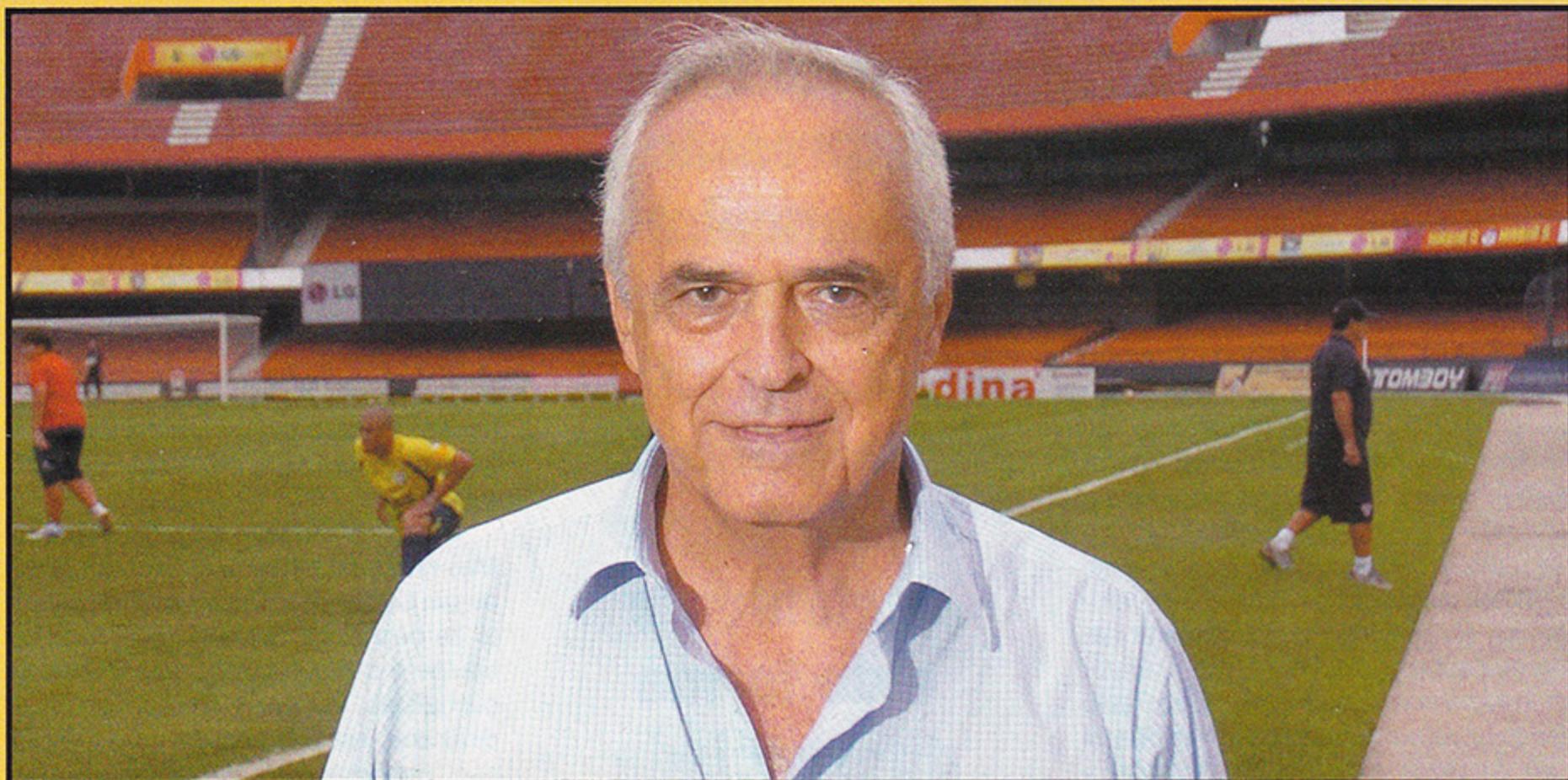
festas e momentos de reflexão de como é importante, para essas regiões e o próprio Estado, ter um campeonato de que grandes clubes participem. O São Paulo valoriza muito isso e tem o interesse, sim, de ganhar o Paulista, de vencer a Libertadores, o Brasileiro, a Sul-Americana e a Libertadores, que nos dará a chance de disputar o Mundial.

Para todas essas pretensões, que não são poucas, até que ponto a situação complicou-se com a saída de jogadores do nível de Mineiro, Danilo e Fabão?

De certa forma, complicou-se, sim. Mas não de maneira a causar um abalo ou um decréscimo tão importante a ponto de decretar a perda de qualidade da equipe e a redução da possibilidade de conquistas. Porque o futebol tem essa dinâmica, especialmente no São Paulo, que, pela estrutura magnífica que possui, propicia aos atletas que aqui estão a possibilidade de se tornarem bem-sucedidos, serem valorizados e partirem para um degrau que não é maior, mas que é diferente, que é a experiência da valorização de jogar no futebol europeu, por exemplo. Encaro a saída do Mineiro como um momento de coroamento de uma carreira brilhante, que se acentuou no São Paulo. Foi aqui onde ele realmente despontou como jogador estupendo que é. É natural que o atleta queira dar esse passo maior. Até porque existe uma expressão financeira muito grande envolvida nisso. Ainda que o São Paulo pague regiamente e de forma diferenciada ao seu jogador, o clube não consegue competir com o mercado europeu. Mas isso não ocorre pelas condições do Tricolor e do mercado europeu. É a conjuntura brasileira e a deles. Agora, se por um lado o São Paulo perdeu Mineiro, Danilo e Fabão, por outro trouxe diversos valores que se equivalem. Na dinâmica do futebol, a fila anda. É o que costumamos dizer. Uns saem. Outros vêm. Sempre vamos procurar dotar o plantel de muita qualidade para poder enfrentar todos esses campeonatos.

No começo da temporada, o São Paulo emprestou a vários clubes muitos de seus atletas, entre os quais o volante Renan. Agora não era um momento em que o jogador poderia ser aproveitado?

O São Paulo reconhece no Renan muita qualidade. A ida dele para o Cru-



“Temos a perfeita consciência de que essa não é a razão fundamental do futebol de base (ganhar títulos). Sua função primordial é a boa formação”

zeiro não tem o significado de descaso do clube ou de imaginar que ele não tenha condições para jogar aqui. Tem a ver com a possibilidade de lhe dar uma oportunidade de ganhar mais experiência, aquela coisa que, na linguagem futebolística, se fala: “É para ‘canchar’”. A idéia é que o Renan tenha uma valorização, que muito provavelmente não teria aqui, porque não ganharia a condição de titular efetivo. E, em outros clubes, isso pode acontecer.

Em relação à Copinha deste ano, o mais importante foi a promoção de jogadores do time amador para o elenco profissional?

Essa é uma outra realidade em que o São Paulo vê confirmada a sua expectativa de superação de uma fase de transição que culminou com a Copinha do ano de 2006. Nela, não fomos bem e terminamos eliminados na primeira fase. A partir dali, começamos a fazer uma avaliação efetiva de uma melhoria necessária e que ocorreu no futebol de base. Ela se desenrolou a partir da

equipe juvenil. Tanto que o Breno, que veio para cá, era do juvenil e não dos juniores. Então, acho que passou aquele momento mais crítico de redução da qualidade das equipes do futebol de base, que não tem fundamentalmente o dever e a missão de ganhar títulos, mas, sim, de formar bons atletas em todos os sentidos. Devem ser bons tecnicamente e possuírem características gerais que façam dele, além de excelente jogador, um cidadão. O São Paulo está vendo que a curva já é ascendente. Pois esses valores foram mostrados na Copinha, foram bem e a perspectiva é de que isso melhore, porque ainda existe o fato de termos passado um período de uma certa precariedade territorial em Barueri. Agora, temos uma sede fantástica que nos orgulha muito. É o Centro de Formação de Atletas Laudo Natel, em Cotia.

O senhor tocou num ponto interessante, pois existe muita cobrança em cima de título, mas a função precípua do futebol de base é revelar jogador e não conquistar troféus...

Exatamente. Esse é o ponto. É claro

que o torcedor, na sua emoção, quer ver sempre a equipe jogando bem e ganhando. Gritar campeão é o momento máximo. Mas temos a perfeita consciência de que essa não é a razão fundamental do futebol de base. Sua função primordial é a boa formação.

Falando de contratações, muito se tem ouvido sobre o interesse do São Paulo FC em Dagoberto. Em que pé estão as conversas?

O Dagoberto é um sonho nosso. De certa forma, alimentou isso na medida em que revelou e reiterou claramente que sua preferência é jogar no São Paulo. Preferência essa que coloca em lugar de destaque em relação a qualquer outra equipe do Brasil e do cenário internacional. Antes de partir para o mundo, deseja jogar com essa camisa. As coisas foram encaminhadas. As tratativas sempre foram desenvolvidas pelo presidente Juvenal. Temos a expectativa e a perspectiva de que sua contratação acabará acontecendo. Vamos ter muita alegria em poder integrá-lo a esse plantel e dar um presente do nível dele à torcida, que é a razão de ser do São Paulo.

Até que ponto atrapalha uma negociação desse tipo ser muito comentada na imprensa?

Atrapalha. Mas existe um momento em que a coisa fica tão surrada que perde um pouco o sentido.

“ Se as coisas transcorrerem normalmente, deveremos ter bons resultados de novo, porque estabelecemos a quase obrigação de que o São Paulo será vitorioso ”

Em 2006, alguns críticos disseram que o São Paulo FC demorou para acertar a situação de atletas que tinham contrato se encerrando, como Fabão, Danilo e Mineiro. Neste ano, vai ser diferente?

No dia-a-dia, acumulamos experiências e ensinamentos. O trato da administração do futebol envolve não somente as idéias fundamentais, uma estrutura de comportamento e de pensamento da direção do clube, mas também o outro lado, que é o jogador. Normalmente, ele é representado por um procurador ou empresário. E o futebol está permeado por uma intensa atividade de interesses. A mídia não ajuda muito nisso, pois permite que seja usada ou, em alguns casos, até cria fatos, planta informações, o que dificulta. Há assim desencontros e contradições. Asseguro que o São Paulo

FC tem os olhos bem-abertos para isso. Tem uma preocupação efetiva para que essas renovações possam ser feitas. Mas elas dependem de muitos fatores.

Um exemplo desse aprendizado é a renovação rápida de contrato de jogadores do elenco, como o Miranda...

Reconhecendo no Miranda muita qualidade e um comportamento positivo, o São Paulo FC foi atrás dos direitos federativos dele, que estavam vinculados aos Sochaux, da França. Eu mesmo cuidei disso, elaborando uma proposta que foi concretizada em 23 de março. Fechamos um contrato de quatro anos e três meses com perspectivas de que ele evolua ainda mais, sendo um jogador de primeira linha e até com convocações para a seleção brasileira. A renovação com atletas como André Dias, Alex Sil-

va, Hernanes, Leandro e Bosco mostra as diretrizes do São Paulo FC.

O que o torcedor pode esperar da vice-presidência de Futebol nesta temporada?

Um enorme esforço em continuar fazendo o São Paulo desenvolver sua trajetória de glórias. Suceder o Juvenal na vice-presidência de futebol é missão extremamente difícil, de enorme responsabilidade na medida em que ele, em razão do magnífico trabalho feito, é vitorioso. Ele tem estrela. Mas está junto. O futebol do clube não está nas minhas mãos. Está nas mãos do João Paulo e do Juvenal. Isso certamente anima. Se não houver qualquer imprevisto, se as coisas transcorrerem normalmente, deveremos ter bons resultados de novo, porque estabelecemos a quase obrigação de que o São Paulo será vitorioso.

Centro de Excelência em Ensino Superior



Graduação e Pós-Graduação



0800-17-1967
www.unifiego.br

CENTRO **UNIFIEO**
UNIVERSITÁRIO FIEO



AÇÃO DE PROTAGONISTA

O São Paulo FC firma acordo com a **WARNER BROS. CONSUMER PRODUCTS** e assume a dianteira na profissionalização do *marketing* esportivo brasileiro

Por Filipe Sansone
e Ricardo Marchesan

Os deveres de um grande clube não se resumem meramente a um bom trabalho realizado dentro de campo. Investimentos em setores que possam incrementar sua infra-estrutura e, conseqüentemente, ajudar na conquista de títulos são essenciais. Para atender plenamente a todos os anseios da torcida que mais cresce no Brasil, é preciso oferecer produtos de qualidade. Isso, de quebra, aumenta a popularidade da agremiação.

Com essa mentalidade, o São Paulo Futebol Clube selou um contrato de três anos e meio com a Warner Bros. Consumer Products em solenidade no Salão Nobre do Morumbi, em 11 de

abril. "Temos de levar nossa credibilidade, disciplina, eficácia e conquistas ao mundo globalizado do futebol", explica Juvenal Juvêncio, presidente do Tricolor. "Demos um passo histórico."

Consolidada depois de um ano e oito meses de negociação, a parceria garante à WBCP exclusividade de licença, fabricação e distribuição de produtos com o nome do clube em território nacional e no Japão. A única exceção são os artigos esportivos, cujos direitos permanecem com a Reebok.

A empresa, um dos braços da Warner Bros. Entertainment, possui experiência nesse tipo de mercado. Traz na bagagem, afinal, convênios com grandes equipes, como FC Barcelona, da Espanha; AC Milan e Juventus FC, da Itália; Manchester United, da Ingla-

terra; Paris Saint Germain, da França; e América, do México. Ainda tem o direito de licenciamento da Liga dos Campeões da UEFA e da Eurocopa de 2008, entre outros eventos.

Além de ser mais uma importante etapa rumo à profissionalização do *marketing* esportivo no Brasil, o acordo vai ao encontro da estratégia desenvolvida pelo Departamento de Marketing do clube, que tem o objetivo de tornar a torcida são-paulina a maior do País em de dez anos.

De acordo com Julio César Casares, Diretor de Marketing, a nação tricolor terá à disposição uma série de artigos novos e diferenciados. "O torcedor contará, primeiramente, com mais alternativas de produtos e todos com um DNA próprio", revela. "Isso gera não só



FOTOS RUBENS CHIRI



consumo, mas a formação de novos simpatizantes, o que, para nós, é uma grande prioridade.”

A QUALIDADE E A IDENTIDADE também serão fundamentais no combate à pirataria. Casares cita o exemplo positivo da camiseta 4-3-3, que simboliza os quatro títulos brasileiros, os três mundiais e as três Libertadores da equipe. Depois da conquista do nacional de 2006, ela tornou-se sucesso de vendas e não foi pirateada. “Vamos priorizar o respeito ao consumidor, que dispõe de um produto adequado, conforme sua faixa etária e capacidade de uso e consumo”, completa.

Outro desdobramento natural da ação é a injeção de recursos no clube, que, nos últimos anos, recebeu,

mensalmente, uma média de 45 mil reais em licenciamento. “Esse valor não paga o salário de um jogador razoável”, afirma Juvêncio. O São Paulo ganhará, afora as luvas, uma parcela de todas as mercadorias desenvolvidas pela Warner que tenham relação com sua grife. “Elas devem estar no mercado entre quatro e seis meses”, diz Salvador Viramontes, vice-presidente de Licensing (licenciamento) na América Latina para a WBCP.

Num primeiro momento, a empresa vai focar suas atenções numa linha de artigos que vão de brinquedos a roupas. Não terão ligação com a parte atlética. Conforme o desenvolvimento do acordo, a Warner pretende fazer um estudo sobre o uso das muitas divisões da corporação na elaboração de outros

EMBAIXADOR NOTA 10

Durante a formalização do acordo, Raí apareceu como elemento-surpresa para receber o título de sócio do Clube Social. “Sempre me considerei parte do São Paulo e, principalmente, o São Paulo parte de mim”, afirmou. “Vou querer jogar peladas e basquete. Já até combinei de jogar tênis com o Rogério.”

O goleiro-artilheiro assinou o título junto com Adhemar de Barros, presidente do Conselho Deliberativo. Mesmo após bater todos os recordes com a camisa um, Ceni fez questão de ressaltar que “Raí é o maior ídolo da história são-paulina”.

Além do título, Raí foi nomeado o primeiro embaixador do Tricolor no Brasil e no exterior. “Estou muito honrado de ser sócio e, ao mesmo tempo, o primeiro embaixador”, revelou Raí. “Assim, formaliza minha ligação para sempre com o clube.”

produtos, como filmes e DVDs. Existe até mesmo a possibilidade de relacionar seus personagens mundialmente conhecidos, como os Looney Tunes, com o escudo do clube.

A parceria iniciou-se com o envolvimento de craques históricos. Leonardo, ex-lateral e ex-meia são-paulino, cuidou dos primeiros contatos entre o time paulista e a empresa. Além disso, à cerimônia de anúncio da assinatura do convênio, compareceram o goleiro Rogério Ceni e Raí, que também recebeu os títulos de sócio do Clube Social e primeiro embaixador tricolor (*leia mais no quadro acima*). “Acho muito legal porque são personagens infantis e devem alavancar a imagem da equipe no Brasil e no mundo”, destacou o goleiro-artilheiro.

Raí, que voltou de Londres (onde é correspondente esportivo da rádio CBN e se dedica ao estudo do idioma inglês) especialmente para a solenidade, acredita que o São Paulo se equipara aos maiores clubes do planeta. “Já era conhecido por ser um time diferenciado. Agora, com essa parceria, está no caminho certo”, afirmou. “Tenho certeza de que os resultados serão bons e de que ambas as empresas vão querer renovar e ampliar esse convênio”, disse Viramontes. “Na minha cabeça, é coisa para mais de uma década.”

EM AÇÃO

Rogério Ceni se esforçando para manter a forma



CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DE MURALHAS

Por André Toso

Pense em um jogo absolutamente fácil para o Tricolor. No fim da partida, o placar aponta 5 a 0 e o time adversário não arriscou nenhum chute a gol. Na realidade, mal passou da linha interme-

diária. Nosso goleiro quase não trabalhou. Seu esforço foi tão pequeno que a camisa nem aparenta marcas. Pode parecer contraditório, mas tal situação, rara, é um descanso merecido para quem mais se esforça e transpira nos treinos do dia-a-dia. Pelo menos é isso

que se percebe quando se assiste aos trabalhos diários realizados por Haroldo Lamounier, preparador de goleiros, no Centro de Treinamento da Barra Funda. Os arqueiros são os primeiros a chegar ao campo. Fazem um aquecimento leve e tranquilo. Poucos minutos depois, as

Na vanguarda em todos os setores do futebol, o São Paulo FC acompanha as evoluções do esporte na **PREPARAÇÃO DE GOLEIROS** e, através dos anos, tem se destacado na formação de atletas de alto nível

**SEM PARAR**

Para Bosco, cujo contrato foi estendido até 2009, os treinos cansam mais do que os jogos

arqueiros tricolores suam para valer. João Bosco de Freitas Chaves, o Bosco, acredita que o profissional de sua posição mostra mais serviço nos treinos do que na maioria das partidas oficiais. "As atividades são pesadas. Trabalhamos todas as funções que fazemos no jogo, mas com intensidade maior."

SE O TREINO dos profissionais prioriza a manutenção e o aperfeiçoamento, as atividades feitas nas categorias de base têm como principal característica a formação técnica. Os amadores trabalham as funções básicas para se tornarem diferenciados. "Lá, eles contam com o auxílio de orientadores que apontam suas deficiências", observa Lamounier. Segundo ele, o goleiro que chega ao time principal deve estar com a técnica totalmente apurada. Caso tenha alguma defasagem, vai levá-la consigo para o resto da carreira. "Podemos até tentar corrigir um pouco esse defeito, mas, só nos aspirantes, isso pode, de fato, ser ajustado."

Mateus Versolato Júnior, terceiro goleiro, ascendeu ao profissional em 2004 e conhece bem as diferenças entre os dois tipos de treinamento. Ele garante que, no profissional, o tempo é menor e a intensidade, maior. "No amador, como não temos dois jogos na semana, fazemos um número mais elevado de

séries, mas de maneira menos intensa", explica. Isso não significa que o goleiro tem vida fácil na base. Pelo contrário. Aprender e ganhar experiência levam os aspirantes a se esforçarem ainda mais, o que, nessa fase da vida profissional, é um pouco mais fácil, pois o físico dos atletas mais novos suporta melhor a alta carga de exercícios. Rogério Ceni diz que não contou com o acompanhamento específico de um preparador quando chegou às divisões de base do São Paulo. Na época, o ofício não era a prioridade dos clubes e os treinos físicos substituíam as atividades realizadas pelos arqueiros.

Para o titular do gol tricolor, as atividades hoje são bem mais leves do que as do início de carreira. Em vez de praticar séries de 12, como os mais jovens, faz apenas seis repetições de cada exercício. Os dois motivos principais para isso são a idade e a experiência acumulada. Sua forma de trabalho é apoiada por Lamounier. "Ele é um profissional criativo e uma pessoa muito bacana. Tenho sorte de tê-lo aqui nesta altura, já que dialoga e entende bem minhas condições físicas e mentais", avalia Ceni.

De acordo com o camisa um do São Paulo, Lamounier consegue coordenar a quantidade necessária equilibradamente. "No dia em que percebemos que precisamos nos esforçar por causa do espaçamento de treinos, as atividades

atividades se intensificam. E o que se observa são exercícios que demandam vigor físico privilegiado.

A rotina consiste em defesas de bolas altas e rasteiras lançadas em todas as direções, piques em ziguezague entre cones, saltos de um lado para o outro e cruzamentos. Todos esses exercícios são realizados em séries repetitivas. Os atletas caem e tornam a levantar-se seguidas vezes. Na parte física, são os únicos que trabalham com a mesma intensidade pernas, abdome e membros superiores. Os jogadores que atuam em outras posições, como os atacantes, enfatizam a região das pernas. "É um treinamento diferenciado, que exige muito", afirma Lamounier. Os quatro

são mais fortes, mas, caso contrário, ele nos preserva e faz apenas o necessário a fim de estarmos bem-condicionados para o jogo.”

Bosco revela que a preparação no time do Morumbi é muito diferente daquela com que estava acostumado no Sport Recife, seu ex-clube. Ivan Carneiro, preparador do time pernambucano, pegava pesado. Muitas vezes, os jogadores treinavam na areia fofa da praia para aumentar o esforço. Conforme Bosco explica, a diferença é que o Sport participava de um número bem menor de partidas e, dessa forma, era possível conciliar o treinamento duro com os jogos. “Como o São Paulo compete em diversos torneios, a preparação é diferenciada. Hoje, pelo tempo que nos resta, fazemos mais um trabalho de manutenção e recuperação.”

Por outro lado, os garotos das categorias de base recebem carga maior de treinos para iniciar sua formação e corrigir deficiências. No Tricolor, os meninos chegam com cerca de 10 anos e trabalham intensamente a parte técnica. O primeiro elemento é o biótipo. Caso tenham altura e desenvoltura adequadas, são analisados seu progresso, sua postura e sua responsabilidade. Aqueles que evoluem e demonstram personalidade para suportar as pressões continuam.



AMIZADE

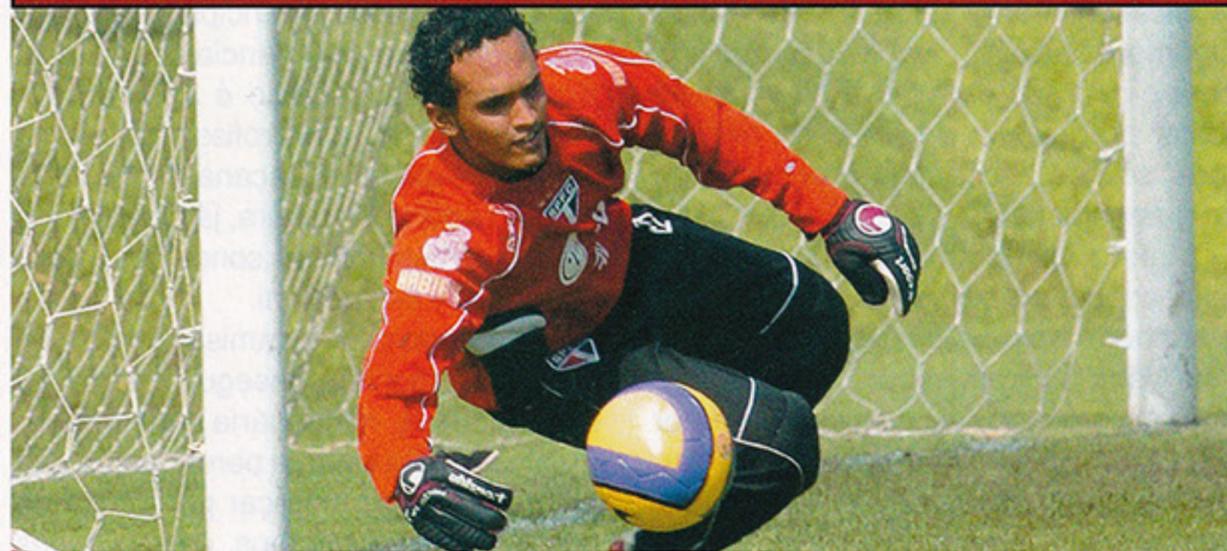
Em meio aos esforços dos treinos, os quatro goleiros do São Paulo e o preparador Haroldo Lamounier (*à dir.*) constroem um forte laço de amizade. São horas de convivência e, dessa forma, as conversas dividem o tempo com o corre-corre. “É um ambiente de trabalho com um ótimo relacionamento”, garante Bosco (*de costas*). Essa aproximação é fundamental para que haja sucesso. Afora ser uma posição que exige esforço físico, a camisa número um de um clube como o São Paulo precisa de um homem maduro e com personalidade. Os diálogos de Lamounier com Rogério Ceni (*de frente*), Bosco, Mateus (*à esq.*) e agora Jorge Miguel possibilitam um fortalecimento da parte psicológica dos atletas, característica fundamental nos momentos em que o goleiro fica cara a cara com o atacante e precisa decidir, em fração de segundos, a melhor alternativa para não deixar a bola ultrapassar a linha do gol.

Foi assim com duas promessas do clube que tiveram a carreira interrompida em um acidente de carro no mês de agosto de 2006. Weverson Eron Maldonado Saffiotti (19), falecido na tragédia, aportou no clube com 12 anos e Bruno Landgraf das Neves (20), ainda internado (*até o fechamento desta edição*), com 11. Ambos foram

acompanhados por Lamounier durante a formação e eram modelos perfeitos de atletas que deram certo e possuíam todas as características para se firmarem como grandes profissionais.

FRUTO DA BASE

Em 29 de janeiro, **JORGE MIGUEL LOPES**, arqueiro titular da equipe de juniores na Copa São Paulo de 2007, foi integrado ao plantel profissional. O mais novo membro da muralha tricolor apresentou-se três dias depois do final do torneio e pretende treinar bastante para aperfeiçoar suas técnicas. “Não reclamo de nada, o importante é estar aqui. Não precisa de férias.” Feliz com a chance, diz que está adaptado à rotina dos companheiros, que, de acordo com ele, começa antes dos outros jogadores com o alongamento e termina depois com cruzamentos e simulações de situações de jogo. Em 5 de março, porém, Jorge, que tem 21 anos, sofreu uma entorse no joelho direito durante um treino. Três dias mais tarde, passou por uma cirurgia de reconstrução dos ligamentos. Recuperando-se no Reffis, deve voltar aos campos em aproximadamente seis meses.



A PREPARAÇÃO ESPECÍFICA de goleiros no Brasil teve seu primeiro impulso na Copa do Mundo de 1970, no México. Admildo Chirol, então responsável pela parte física dos jogadores da seleção, levou a uma palestra vídeos e fotos de preparadores de arqueiros do futebol alemão e iugoslavo, países onde o ofício já fazia parte da rotina das agremiações. A idéia vingou e, na Copa de 1974, o tenente Raul Carlesso foi o primeiro profissional da área a ser integrado à comissão técnica do selecionado nacional. Quem, entretanto, popularizou os trabalhos foi Joaquim de Moraes. Seus métodos inovaram e, depois deles, os times brasileiros passaram a priorizar os treinos para a posição.

CURIOSIDADE

No dia 26 de abril é comemorado o dia do goleiro. A data foi idéia do Tenente Raul Carlesso e do capitão Reginaldo Pontes, professores da Escola de Educação Física do Rio de Janeiro. A homenagem foi feita poucos anos depois de Carlesso participar, como preparador de goleiros, da Copa do Mundo de 1974.

Na década de 1980, a função consolidar-se-ia. Todo clube médio contava com um responsável pelos goleiros. O fato estimulou e aumentou a qualidade técnica dos jogadores. Na opinião de Lamounier, o sucesso dos arqueiros brasileiros que hoje defendem clubes europeus, como Dida, Gomes e Julio César, foi possível graças ao desenvolvimento da preparação. "Antigamente, eram vistos com preconceito. Os estrangeiros acreditavam que o país não enfatizava a posição e só pensava em atacar", acredita. Lamounier enxerga em nomes como Zetti, Ronaldo e Taffarel, no início da década de 1990, o primeiro indício concreto de que os treinamentos apresentavam resultados positivos.

As atividades, que ajudaram sobremaneira na consolidação da qualidade técnica dos guarda-metas, mudaram pouco nos últimos anos. Os exercícios, basicamente, são os mesmos que o tenente Raul transmitiu a seus comandados há mais de 30 anos. De acordo com Lamounier, a diferença é que o volume hoje é menor, mas a qualidade, muito superior. Isso principalmente por causa das inovações incorporadas. "Aprendemos a utilizar como base situações encontradas em jogo. Além disso, a quantidade era mais valorizada que a qualidade. Hoje, trabalhamos com mais intensidade e menos volume", analisa. A diminuição nos exercícios evita esforços desnecessários. O goleiro não fica exausto e consegue resultados mais rápidos e eficazes.

As mudanças mais sentidas, porém, vieram das novidades trazidas por regras adotadas na última década e das tecnologias que surgiram recentemente. O fato de o guarda-meta não poder pegar com as mãos as bolas atrasadas por parceiros de equipe forçou os preparadores a incluir no programa treinamentos de reposição com os pés. Poucos são os goleiros que possuem a habilidade de Rogério Ceni. No futebol moderno, porém, é preciso cada vez mais aprimorar esse fundamento. Um arqueiro contemporâneo, afinal, deve lançar os companheiros como se fosse um jogador de linha e ter controle total sobre a bola quando ela estiver no chão.

Além desses fatores, apareceram materiais esportivos que auxiliam e, ao mesmo tempo, complicam a vida daqueles que ficam sob o travessão. Uniformes impermeáveis, luvas cada vez mais arrojadas e chuteiras leves

BATE-BOLA COM HAROLDO LAMOUNIER, PREPARADOR DE GOLEIROS DO SÃO PAULO

Como foi o início de sua carreira como preparador de goleiros?

Fui goleiro por cerca de 20 anos. Durante esse tempo, adquiri muita experiência. Na época, ainda era raro o fato de existirem treinadores específicos para a posição e, assim, conciliei as funções de preparador e de goleiro em alguns clubes. Em 1998, encerrei a carreira como jogador e me tornei apenas preparador. Trabalhei no União Mogi por um ano e fui contratado para as categorias de base do São Paulo. Passei pelo infantil, juvenil, juniores, aspirantes e agora estou no profissional.

De que maneira você formou a metodologia de trabalho que utiliza hoje no São Paulo?

Quando jogava, tive a oportunidade de trabalhar com diversos preparadores diferentes. De todos eles, extraí lições importantes. Procuo incrementar os exercícios que realizei 20 anos atrás, inovando-os para que se enquadrem na nossa realidade. O objetivo é aumentar a qualidade, diminuir o volume e possibilitar que o atleta se desenvolva sem a necessidade de se esgotar fisicamente.

Quanto tempo é gasto nos treinos e como é possível observar a evolução dos goleiros?

Duas horas de atividades diárias no máximo, mas a intensidade depende da data dos jogos. Em dias anteriores e seguintes às partidas, fazemos apenas um trabalho de manutenção. Nos outros, realizamos treinos mais fortes. A evolução dos goleiros é mais perceptível nas categorias de base, quando ainda estão em formação. No profissional, os exercícios servem para o aperfeiçoamento.

Qual é o diferencial de um clube como o São Paulo nesse desenvolvimento?

O São Paulo é uma equipe privilegiada. Temos total apoio e estrutura para o trabalho. Se soubermos escolher os atletas certos, tanto no aspecto técnico quanto no valor humano, temos tudo para transformá-los em jogadores de ponta.



ajudam no desempenho. Mas, concomitantemente, as bolas estão mudando quase sempre de peso e tamanho. Na análise de Lamounier, essa é a maior dificuldade encontrada nos dias atuais. Em 2006, o São Paulo jogou com modelos diferentes no Campeonato Paulista, na Libertadores e no Brasilei-

ro. Mateus concorda com o preparador e reclama da situação. "Chegamos a disputar dois torneios paralelamente em que eram utilizadas bolas diferentes. A adaptação é muito difícil. E as luvas fabricadas não acompanham a tecnologia das bolas, o que complica muito nosso desempenho."

Homenagem

O Adeus de um Gigante



ACERVO GAZETA PRESS

Conhecido pelo apelido de Monstro do Maracanã, **BAUER** marcou época no São Paulo FC com seu estilo elegante e refinado

Por Fernando Savaglia

Na grandiosa galeria de heróis tricolores, poucos atletas brilharam por tantos anos consecutivos como José Carlos Bauer. Durante todo o período em que permaneceu no clube, conseguiu manter altíssimo nível técnico. Descoberto ainda garoto nas ruas da Bela Vista, bairro da capital paulista, chegou ao infantil do São Paulo em meados de 1938 e, em 1941, sagrou-se campeão paulista juvenil, seu primeiro título. Sua estréia no profissional ocorreu em 1 de novembro de 1944 no empate por 2 a 2 contra o Botafogo do Rio de Janeiro.

Na época, o esquema tático do Tricolor era o 2-3-5, adotado pela maioria dos times brasileiros. Cabia, assim, ao jogador que atuava mais pelo centro da linha média, posição ocupada pelo craque, desempenhar três importantes funções: criar, armar e cadenciar. Se fosse para encaixar Bauer num dos setores do futebol moderno, ele jogaria no meio. Seria volante, mas com uma classe e uma categoria incomuns nos atletas de hoje, geralmente mais preocupados com a marcação.

Consciente ou inconscientemente, todo são-paulino tem registrado na memória três nomes que fizeram história na década de 1940. São eles Bauer, Rui e Noronha, que, juntos, venceram metade dos títulos estaduais que disputaram naqueles anos. Tiveram ainda atuação irrepreensível no Sul-Americano de 1949.

Na primeira vez em que Bauer vestiu a camisa do Brasil, a seleção goleou a Bolívia por 10 a 1. Sua habilidade era tanta que nem mesmo o

explícito bairrismo daquele período o impediu de ser apelidado de o "Monstro do Maracanã", na Copa do Mundo de 1950. Na campanha, foi o único paulista num plantel predominantemente carioca. A única exceção ocorreu na partida contra a Suíça, realizada no Pacaembu. Nesse jogo, o técnico Flávio Costa escalou a famosa linha média do São Paulo. Talento, Bauer terminou assombrando a mídia mundial, que o desconhecia por causa da precariedade dos meios de comunicação brasileiros.

Sendo o mais novo do trio, o centro-médio participou de outra geração vencedora na década seguinte. Atuando no chamado WM, contribuiu muito com o título paulista de 1953. Um ano depois, coincidentemente na Suíça, terra natal de seu pai, o craque disputou sua Segunda Copa do Mundo. Com todo o talento e sobriedade que possuía, foi o capitão do escrete nacional.

VETERANO, foi pouco aproveitado no São Paulo em 1957, quando a agremiação faturou outro Campeonato Paulista. Sua última partida com a camisa do clube, contra um combinado de Santos e Vasco, deu-se em 29 de junho daquele ano.

Na seqüência, transferiu-se para o Botafogo. Teve passagem efêmera pelo Rio de Janeiro. Mesmo tendo ficado pouco, participou da conquista do título de campeão carioca. Antes de pendurar as chuteiras, atuou no São Bento de Sorocaba e na Portuguesa de Desportos.

Após se aposentar, iniciou a carreira de técnico de futebol. No Brasil, dirigiu Juventus-SP, Prudentina-SP, Botafogo de Ribeirão Preto, Franca-

RAIO X

José Carlos BAUER

Apelido: Monstro do Maracanã

Nascimento: 21/11/1925

Falecimento: 4/2/2007

Gols marcados pelo SPFC: 18

Títulos conquistados pelo

SPFC: Campeão paulista de

1945/46/48/49/53

Outros clubes: Botafogo-RJ, São Bento-SP e Portuguesa SP

na-SP, Colorado-PR e Pinheiros-PR. No exterior, comandou Millionários da Colômbia, Guadalajara do México e a equipe portuguesa do Leixões.

No período em que foi treinador, descobriu o craque Eusébio, jogador de sucesso na seleção portuguesa. Numa excursão em 1960 pela África com a Ferroviária de Araraquara, Bauer percebeu que o atleta moçambicano era dono de impressionante talento. Indicou-o, então, a seu amigo Bella Gutman, húngaro que já havia comandado o Tricolor e que, naquele momento, estava à frente do Benfica de Lisboa.

Depois de 16 anos na atividade, o ex-tricolor passou a ensinar sua arte a crianças em sua escolinha de futebol. Nos últimos anos, em decorrência de uma doença, foi se afastando do mundo da bola. Era visto com frequência, entretanto, nos encontros de ex-jogadores do São Paulo FC, nos quais era recebido com todas as honras, que fez por merecer por tudo que produziu nos anos em que defendeu o clube. Morreu no último dia 4 de fevereiro aos 81 anos.

Um dos últimos heróis do Rolo Compressor (apelido dado ao esquadrão tricolor da década de 1940), Bauer partiu, mas deixou o nome entre os gigantes que honraram a gloriosa camisa do São Paulo FC.





Elite Gold

RBK 

Desde o início de suas carreiras, ROGÉRIO CENI e MURICY RAMALHO construíram trajetórias que se interligam em vários momentos e conquistas. Juntos, devem proporcionar muitas outras alegrias à torcida



DUPLA SUCESSO



FOTOS RUBENS CHIRI

CONFIRA AS LISTAS DA IFFHS PUBLICADAS EM 23 DE JANEIRO

Os dez melhores técnicos do mundo

- 1º Rijkaard - Barcelona (Espanha) 236 pontos
- 2º Mourinho - Chelsea (Inglaterra) 113
- 3º Juande Ramos Sevilla (Espanha) 92
- 4º Arsène Wenger Arsenal (Inglaterra) 91
- 5º Gerard Houllier Lyon (França) 57
- 6º Abel Braga Internacional (Brasil) 53
- 7º Alexander Ferguson Manchester United (Inglaterra) 45
- 8º Carlo Ancelotti Milan (Itália) 23
- Felix Magath - Bayern Munich (Alemanha) 23
- 10º MURICY RAMALHO São Paulo (Brasil) 17**

Os dez melhores goleiros do mundo

- 1º Gianluigi Buffon Juventus (Itália) 295 pontos
- 2º Jens Lehmann Arsenal (Inglaterra) 140
- 3º Petr Cech - Chelsea (Inglaterra) 91
- 4º Iker Casillas Real Madrid (Espanha) 47
- 5º Van der Sar - Manchester United (Inglaterra) 45
- 6º ROGÉRIO CENI São Paulo 39**
- 7º Ricardo - Sporting (Portugal) 38
- 8º Dida - Milan (Itália) 34
- 9º Abbondanzieri - Getafe FC (Espanha) 19
- 10º Fabien Barthez (sem clube) 18

Por Carlos Mesquita Colaborou Filipe Sansone

Serginho Chulapa e Renato Oscar Bernardi e Dario Pereyra. Müller e Careca. Raí e Palhinha. Mineiro e Josué. O São Paulo FC sempre teve algumas das melhores duplas do futebol. Na atualidade, existe uma parceria inusitada, pois, com a bola rolando, eles não permanecem lado a lado em nenhum setor do campo, mas, durante os 90 minutos, coordenam o time de seus postos.

No gol, o capitão do plantel e

um dos maiores ídolos tricolores de todos os tempos. À beira do gramado, um profissional que se tornou um dos principais treinadores do País nas últimas temporadas. Engana-se quem pensa que a história entre Rogério Ceni e Muricy Ramalho é um capítulo recente. Ela se cruza em vários momentos diferentes de suas trajetórias.

Tudo começou em 1990, quando, aos 17 anos, um aspirante a guarda-meta aportou no Morumbi. Trazido à capital paulista pelo pai, Ceni fez um teste no clube e foi aprovado.

“Foi uma época de difícil adaptação. Entretanto, de incrível crescimento como ser humano”, diz o goleiro-artilheiro. Naqueles tempos, o esquadrão dirigido por Telê Santana caminhava, a passos largos, rumo a grandes conquistas. A primeira foi o tricampeonato brasileiro, em 1991. Um ano mais tarde, vieram as inéditas taças da Libertadores da América e do Mundial Interclubes, que se repetiram em 1993.

Quase simultaneamente, Muricy dava o pontapé inicial em sua carreira. Sua primeira

experiência foi no Puebla, do México. Em 1994, tornou-se auxiliar-técnico de Telê. Em virtude dos diversos compromissos do elenco principal, ele ficou com a missão de formar uma equipe B para disputar a Conmebol daquela temporada. Terminou montando um grupo repleto de jovens talentos que se consagrou no certame. Era o chamado Expressinho. Vestindo a camisa um, Ceni começava a se destacar.

Depois de encher a sala de troféus do Morumbi com diversas conquistas, Telê teve

MURICY RAMALHO

Você credencia esse reconhecimento da IFFHS a que fator?

À regularidade. Nos últimos sete anos, tenho feito bons trabalhos nos locais pelos quais passei. Só pode ser isso. Sempre estou na Sul-Americana e na Libertadores.

O próprio Campeonato Brasileiro deve ter pesado, além dos prêmios da CBF.

Claro. Mas é difícil um sul-americano entrar numa lista desse tipo. Disso, tenho certeza.

O curioso é que você entrou com o Rogério Ceni. Existiu um sabor especial em virtude disso?

Foi muito legal e fiquei muito contente, porque o Rogério vem, há muitos anos, conquistando títulos. Ele é um goleiro diferente, que faz gols. É muito bacana ter podido contribuir com isso. Quando lancei o Rogério no time principal, não imaginava o que podia acontecer. Nem ele.

Esse reconhecimento muda alguma coisa na forma como as pessoas do segmento olham para você hoje?

Muda muito no que diz respeito ao mercado externo. Recebi, por coincidência ou não, quatro ou cinco propostas do exterior. Acredito que ter aparecido nessa lista contribuiu. Valorizou muito meu trabalho. Teve até clube europeu.

Você balançou em algum momento?

Não balanço, não. É difícil. Sou um profissional com objetivos bem definidos. Tenho uma linha. Começo e termino meus trabalhos. Cumpro meus contratos. Não gosto de ir para um lugar para recuperar time, chegar no meio de competição ou ter de salvar alguém do rebaixamento. Não aceito essas coisas.

Com todas essas conquistas, pensa em seleção?

Quando o Parreira foi substituído pelo Dunga, fui citado. Mas, na vida, tudo tem de ser natural. Não forço nada. Não me comuniquei com ninguém da CBF. Não gosto de fazer isso. Foi bom terem mencionado meu nome. Acho que convocação depende sempre do trabalho. Esse é meu lobby.

MARCA HISTÓRICA
O treinador atingiu, juntando sua outra passagem pelo São Paulo, 200 partidas à frente do time



de abandonar os campos por causa da saúde debilitada. As portas, assim, abriram-se para Muricy, que assumiu as rédeas e, rapidamente, promoveu o que costuma definir como a decisão mais difícil de sua carreira. Sua atitude chacoalhou o clube e a torcida pela primeira vez. "Tive de tirar o Zetti do gol, um verdadeiro ídolo aqui e uma baita pessoa", recorda-se. "Mas aquilo foi importante para o futuro do São Paulo."

Ceni conta que sua estréia ocorreu em dezembro de 1996, contra o Colo-Colo, em Santiago, no Chile. Na seqüência, vieram as férias e, na temporada seguinte, a titularidade absoluta. "Nesse jogo, já sabia que, no próximo ano, eu entraria no lugar do Zetti, que estava partindo para o Santos." Aos poucos, o jovem arqueiro demonstrava seus valores. Como chegava trinta minutos antes de cada treino, tentava aperfeiçoar, com os companheiros que haviam subido dos juniores, a maneira de bater na bola. Adiante, com a liberação ou o empréstimo de muitos co-

legas, não existia ninguém com quem trocar passes. Resolveu, então, puxar a barreira e cobrar faltas. Primeiro, seu objetivo era apenas acertar a trave. Num segundo momento, imaginou que poderia fazer gols. "Fui pegando jeito e achei que tinha talento para isso."

Atento, Muricy sabia do esforço diário de seu arqueiro e, sobretudo, da capacidade que possuía. Como a equipe não balançava as redes em cobranças de infração havia quase um ano e Ceni era o único a trabalhar intensamente esse fundamento, o técnico não teve dúvidas. Pela segunda vez, sacudiu as estruturas do Morumbi e, sem saber, deu início a uma saga que entraria em breve para a história do futebol mundial.

Diante de todos os seus comandados, disse que o goleiro seria o responsável pelas faltas próximas à área adversária. "Eles se assustaram porque falei: 'Na primeira oportunidade que houver, quem vai bater é o Rogério'", disparou. "Havia um diretor na sala que até pulou da cadeira quando soube (risos)."

EM 15 DE FEVEREIRO DE 1997, na partida contra o União São João de Araras, no Estádio Hermínio Ometto, o camisa um mostrou que, além de saber defender, estava preparado para ajudar o São Paulo com seus belos tentos de bola parada. Da intermediária, acertou o canto esquerdo de Adnan. Era o primeiro de uma série de gols que arrancariam da torcida efusivos gritos de comemoração.

Antes dessa investida, Ceni já havia tentado outras vezes. Numa, chegou a acertar a trave. "As pessoas questionavam se valia a pena um goleiro bater falta." Ele acredita que ter convertido uma infração logo em princípio de carreira foi fundamental. "Deu sustentação ao trabalho que poderia executar."

Após esse primeiro contato entre a dupla, o treinador deixou o Tricolor. Enquanto o goleiro foi se transformando no ídolo que é hoje, o técnico rodou por todo o Brasil e pelo Oriente. Depois do São Paulo, dirigiu Guarani, Shanghai Shenhua, da China; Ituano, Botafogo-SP, Santa Cruz, Náutico, Figueirense, São Caetano

e Internacional, agremiação na qual, em 2003, realizou uma profunda reestruturação. "Quando cheguei, não havia nada. O clube estava quase falido. Não tinha dinheiro nem estrutura", afirma. "Eu mesmo ligava para os jogadores."

No período em que esteve fora, foi campeão da Copa da China, dos torneios pernambucano, gaúcho e paulista. E, em 2005, quase conquistou o Brasileiro com o Inter. Foi prejudicado por causa dos escândalos envolvendo a arbitragem. "Nos tiraram o título e, com isso, ficou um gosto ruim." Mesmo assim, encerrou a temporada em alta. Prova disso foi o prêmio da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de melhor técnico de 2005.

No fim de 2006, voltou ao São Paulo FC, clube em que começou a carreira de jogador na década de 1970. No Morumbi, reencontrou amigos e Ceni. Na temporada passada, viu o goleiro-artilheiro fazer história. "Voltei para assistir ao Rogério bater recorde." Na partida contra o Cruzeiro, em 20 de agosto,

pelo segundo turno do Campeonato Brasileiro, o titular da camisa um anotou dois tentos que o puseram na condição de arqueiro com mais gols na história do futebol mundial. "Ele me deu a camisa. Foi muito legal."

Se em 2005 Muricy não conseguiu o cobiçado nacional, em 2006 não deixou escapar. Seu nome está atrelado a uma das campanhas mais perfeitas de uma agremiação no certame brasileiro. Afora levantar a taça com o Tricolor, pelo segundo ano consecutivo comemorou o prêmio de melhor técnico, que foi concedido pela CBF. Ceni também obteve merecido reconhecimento da entidade máxima de nosso futebol. Foi eleito o craque e o melhor goleiro da competição em 2006.

Coroando o trabalho dos dois, em 2007 ambos apareceram em outro *ranking*. A Federação Internacional de História e Estatística do Futebol (International Federation of Football History & Statistics, IFFHS), entidade que pertence à Fifa, pôs ambos entre os dez mais em seus respectivos ofícios. O goleiro apareceu como sexto melhor, sendo o primeiro entre os arqueiros latino-americanos; e Muricy ocupou a posição de número dez na lista de treinadores.

Feliz, Ceni acompanhou a notícia por um jornal. "Com tantos goleiros jogando na Europa, achei muito gratificante por estar no Brasil", afirma. Para Muricy, foi uma surpresa bastante agradável. "Um técnico brasileiro tem dificuldades para aparecer em qualquer lista feita no exterior", sustenta. "Os treinadores europeus, além de ganharem bem e terem um *lobby* muito forte, trabalham com os melhores jogadores."

Durante todo esse tempo, ambos vêm brilhando e, juntos, passaram a fazer parte da história do São Paulo FC. Mas essa é uma saga de afinidade, identificação e sucesso que ainda não chegou ao seu episódio final. Ao contrário. Deve render muitos capítulos de glória à nação tricolor.

NÚMERO DE EXPRESSÃO

Em 2007, o goleiro-artilheiro já chegou a 70 gols*



*Gols marcados até o fechamento desta edição

BATE-BOLA

ROGÉRIO CENI

Muricy Ramalho foi o primeiro técnico a lhe dar liberdade para cobrar faltas...

O Muricy foi a pessoa que me deu autorização para bater a primeira falta da minha carreira. O (Roberto) Rojas (*ex-treinador de goleiros e ex-técnico do plantel*) também me incentivava bastante.

Por ter sido ele quem lhe concedeu a chance na equipe e também de bater falta, é possível falar que o Muricy tem uma parcela de participação no fato de você ter figurado na lista dos melhores do mundo da IFFHS?

Sem dúvida. Foi a pessoa que acreditou no meu trabalho. Via potencial em mim para jogar no São Paulo Futebol Clube. Aqui, havia um goleiro excelente, que era o Zetti, bicampeão do mundo, bicampeão de Libertadores. O Muricy tem uma grande parcela de colaboração na minha existência no clube até hoje. Ele deu o pontapé inicial, uma força muito grande no começo da minha carreira.

Seu apelido entre os colegas é "Presidente". É pela sua identificação com o clube, por ser o mais experiente, por ser um cara admirado e respeitado por todos,

pelo talento que possui ou pelo somatório de tudo isso?

Isso é coisa do Souza (*risos*). Em virtude de eu ser o mais velho e tentar auxiliar meus companheiros, representando-os no intercâmbio entre diretoria, atletas e comissão técnica, ele brinca e, depois, um ou outro jogador acaba falando. Deve ser pelo respeito. Pelo tempo de clube. Mas é mais em tom de brincadeira.

Recentemente, foi lançado um livro sobre o São Paulo FC, de autoria do ator e diretor Selton Mello, no qual, fazendo um exercício de futurologia, ele enxerga o Tricolor, em 2036, 12 vezes campeão do mundo e você como presidente do clube.

Já o li, achei muito legal e o tenho em casa. Há trechos bem interessantes, como um em que o autor, indo para o estádio, pergunta se o taxista é são-paulino. A resposta é a seguinte: "Tenho um filho que se chama Waldir Peres e outro, Rogério Ceni". Liguei para o Selton e lhe mandei uma camisa de presente. Além de ser são-paulino e um excelente ator, ele tem um caráter irretocável. É alguém que passa muita coisa boa à população.

Em virtude da participação de muitos clubes tradicionais, a LIBERTADORES DA AMÉRICA em curso é apontada por profissionais são-paulinos como uma das mais difíceis da história

Recomeçou a magia

Por Alessandro Gonçalves

O São Paulo FC chega neste ano à sua quarta participação consecutiva na Libertadores da América. Desde seu retorno ao campeonato, em 2004, o clube tem realizado excelentes campanhas. Naquela oportunidade, o time dirigido por Cuca saiu nas semifinais. Perdeu apenas para a zebra colombiana Once Caldas, que, jogando em casa, sagrou-se campeã em cima do todo-poderoso Boca Juniors. Em 2005, o Tricolor conseguiu um feito até então inédito entre os brasileiros. A equipe comandada por Paulo Autuori bateu o Atlético-PR e conquistou o tricampeonato. Na temporada seguinte, já com o técnico Muricy Ramalho, foi vice depois de sucumbir ao Internacional de Porto Alegre.

Esse retrospecto recente, além do bicampeonato conquistado na Era Telê (1992/93), põe o São Paulo FC numa posição privilegiada. Como avalia o técnico Muricy Ramalho, porém, é preciso cautela. "Somos respeitados pela história do clube na Libertadores, mas não somos favoritos, não." Até porque, a competição em curso, segundo ele, é a mais difícil da história por causa da presença de agremiações tradicionais.

Na ótica de Marco Aurélio Cunha, superintendente de Futebol, o treinador está correto. "Quem falar que vai ganhar é louco", afirma. O dirigente diz ser perfeitamente possível disputá-la em alto nível. Entretanto, para isso, qualquer candidato ao título tem de trabalhar alguns conceitos que fazem a diferença. "Obviamente, deve ter um bom elenco, mas necessita saber ajustar horários e viagens", opina.

Afora a presença de times fortes de todo o continente, como Boca Juniors - que trouxe de volta o meia Riquelme -, River Plate, Vélez Sársfield, Colo-Colo, Cerro Porteño e Nacional, há brasileiros de peso. Atual campeão, o Internacional tinha participação garantida desde a edição de 2006. Depois, vieram os primeiros colocados do último torneio nacional: São Paulo FC, Grêmio, Santos e Paraná Clube, comandado pelo ex-goleiro tricolor Zetti; além de Flamengo, campeão da Copa do Brasil de 2006. Embora existam muitos clube

do País, a possibilidade de uma final verde-e-amarela está descartada. Pois uma mudança na regra evita decisão entre representações da mesma nacionalidade, como ocorreu em 2005 e 2006.

PARA MARCO AURÉLIO, os adversários que merecem mais cuidado são o Boca Juniors, pelo peso da camisa; e o Internacional, por ser o atual detentor do título. O dirigente também cita o Santos.



RUBENS CHIRI

"Pelo bom trabalho do Vanderlei Luxemburgo", acredita. "Mas eles não têm uma equipe para fazer final porque, no algo mais, só possuem o Zé Roberto."

Na disputa dessa tão cobiçada taça, existem 32 equipes divididas em oito grupos. Na chamada fase de classificação, seis terminaram ficando pelo caminho. Brigando por vagas com o São Paulo para as oitavas-de-final, estão o Audax Italiano (Chile), o Alianza Lima (Peru) e o Necaxa (México). Em sua estréia, realizada em 14 de fevereiro, jogando em Santiago, capital chilena, o Tricolor ficou num empate com os donos da casa. Na segunda partida, em 28 do mesmo mês, ocorrida no Estádio do Morumbi, os paulistas aplicaram uma sonora goleada nos peruanos: 4 a 0. No terceiro jogo, em 21 de março, o time perdeu por 2 a 1 do Necaxa, embora tenha saído na frente. Na volta, em 4 de abril, deu o troco. Ganhou dos mexicanos por 3 a 0.

Com a ambiciosa pretensão de faturar todos os certames da temporada, o São Paulo FC reforçou seu plantel com muitos jogadores vencedores. Jorge Wagner enquadra-se nesse perfil. O meia foi campeão da Libertadores em 2006 e, agora, objetiva conquistar o troféu pela segunda vez consecutiva. "Isso não sai da minha cabeça", confessa. Antes de vestir a ca-

misa tricolor, traçou metas. Conquistar o bicampeonato ficou em primeiro lugar.

O lateral-esquerdo Jadilson é outro que aportou no Morumbi trazendo uma boa passagem pela competição de 2006. Com o Goiás, destacou-se pelos campos do continente. Seu ex-time, porém, terminou perdendo a classificação para o Estudantes em casa. "Estávamos ganhando o segundo jogo por 3 a 0. Até que eles fizeram um gol (os argentinos haviam vencido o primeiro em Quilmes por 2 a 0)", recorda-se.

Apesar de nunca terem jogado Libertadores antes, o meia Hugo e o atacante Marcel estão empolgados e prontos para ajudar. "Espero fazer bonito e levar o São Paulo FC à final", diz Hugo. "Disputar esse torneio é o desejo de qualquer jogador, ainda mais estando em um clube como este", garante Marcel.

Assim como o elenco, Muricy Ramalho está focado nesse objetivo. Após ganhar muitos títulos no Brasil e passar perto da Libertadores no ano passado, este é o momento de voltar a brilhar nos campeonatos internacionais. "O pensamento é esse." Em 1994, o técnico são-paulino venceu com o Expressinho a Conmebol, torneio posteriormente substituído pela Sul-Americana, e, agora, quer sentir novamente o doce sabor dos louros que rompem as barreiras nacionais.

POR DENTRO DOS ADVERSÁRIOS



Audax Club Sportivo Italiano

País: Chile

Estádio: Municipal de La Florida

Fundação: 30/11/1910

O time faz sua estréia na competição este ano. A grande aposta do clube são os jovens atletas, como Villanueva Roland Carlos Andrés, de 20 anos, e Di Santo Franco, 17. Seu técnico é Raúl Toro.



Club Alianza Lima

País: Peru

Estádio: Alejandro Villanueva

Fundação: 15/2/1901

No Peru, é um time de massa e, embora acumule participações em Libertadores, não é exatamente um perigo.



Clube Necaxa

País: México

Estádio: Victoria

Fundação: 21/8/1923

Os mexicanos sempre apresentam times perigosos. No grupo do São Paulo FC, é o concorrente mais forte. Em seu plantel, há alguns conhecidos, como o volante Fabiano, ex-Tricolor e ex-Santos, e o atacante Kléber, campeão brasileiro em 2001 pelo Atlético-PR.

GRUPO 2

POS	TIME	PTS	J	V	E	D	GP	GC	SG
1	Audax Italiano	10	5	3	1	1	6	4	2
2	Necaxa	9	5	3	0	2	7	7	0
3	São Paulo FC	7	4	2	1	1	8	2	6
4	Alianza Lima	0	4	0	0	4	2	10	-8

Até o fechamento desta edição

DATA	PARTIDA		ESTÁDIO	CIDADE	
14/02	Audax Italiano	0-0	São Paulo FC	San Carlos de Apoquindo	Santiago
20/02	Alianza Lima	1-2	Necaxa	Alejandro Villanueva	Lima
28/02	São Paulo FC	4-0	Alianza Lima	Morumbi	São Paulo
28/02	Necaxa	2-0	Audax Italiano	Victoria	Aguascalientes
13/03	Alianza Lima	1-3	Audax Italiano	Alejandro Villanueva	Lima
21/03	Necaxa	2-1	São Paulo FC	Victoria	Aguascalientes
27/03	Audax Italiano	1-0	Alianza Lima	Municipal La Florida	Santiago
04/04	São Paulo FC	3-0	Necaxa	Morumbi	São Paulo
11/04	Audax Italiano	2-1	Necaxa	Municipal La Florida	Santiago
18/04	Alianza Lima	-	São Paulo FC	Alejandro Villanueva	Lima
25/04	São Paulo FC	-	Audax Italiano	Morumbi	São Paulo
25/04	Necaxa	-	Alianza Lima	Victoria	Aguascalientes

Até o fechamento desta edição

Com a inevitável saída de atletas importantes para o exterior, o **SÃO PAULO FC** agiu com a rapidez e a competência usuais e iniciou 2007 reforçando muito bem seu plantel



REPOSIÇÃO DE PEÇAS

Por Carlos Mesquita
e Filipe Sansone
Colaborou André Toso

Começo de temporada. Todo clube fica em efervescência. Alguns atletas chegam. Outros vão. Essa é uma dinâmica natural do futebol da qual os times não escapam. Assim, entre 2006 e 2007, jogadores importantes deixaram o São Paulo FC. O zagueiro Fabão, o meia Danilo, o volante Mineiro e o atacante Thiago foram tentar a sorte no exterior.

Como é característico, porém, a agremiação agiu rapidamente para manter em 2007 o nível do plantel que se sagrou tetracampeão brasileiro em 2006. Muitos valores foram contratados. Chegaram ao Morumbi os meias Hugo, Francisco Alex e Jorge Wagner, o volante Fredson, o lateral-esquerdo Jadilson e os atacantes Borges, Caiuby e Marcel.

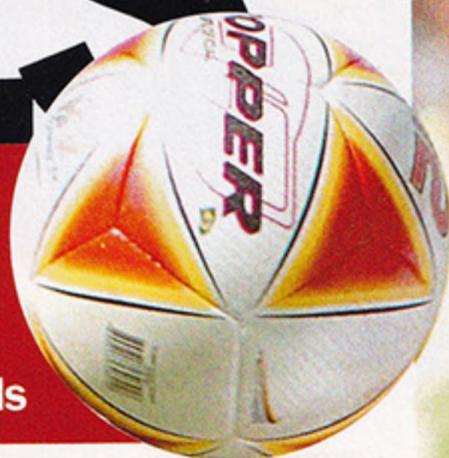
O Tricolor paulista não parou. Continuou atento ao que poderia ser feito para disputar, com elevada competitividade, os torneios de que participa. Solicitou o retorno dos meias Rafinha, que estava no Grêmio; e Hernanes, emprestado ao Santo André. Do elenco que disputou a última edição da Copinha, foram promovidos o goleiro Jorge Miguel e o defensor Breno, substituto do beque Alex, cedido ao Botafogo do Rio de Janeiro.

Afora tudo isso, o lateral-direito Maurinho está recuperado de uma cirurgia no joelho esquerdo que o afastou dos gramados por um ano. Com Reasco e Ilsinho, ele é mais uma excelente opção para a lateral-direita.

Nas páginas a seguir, você conhece um pouco mais de Borges, Francisco Alex, Fredson, Hugo, Jadilson, Jorge Wagner, Marcel e Rafinha. Em conversas rápidas, eles falam, em linhas gerais, de suas aspirações vestindo a camisa tricolor e narram brevemente sua trajetória.

MISSÃO: BALANÇAR AS REDES

Artilheiro em campos japoneses, **BORGES** voltou ao País para integrar o plantel tricolor. Curado de uma lesão no joelho esquerdo, que sentiu na sétima rodada do Paulista, está com fome de gols



Acredita que o fato de já ter trabalhado com o Muricy no São Caetano pesou na sua contratação?

Jogador que é contratado precisa do aval do treinador. O Muricy deve ter sugerido meu nome. Soube que o Paulo Autuori dava informações sobre meu trabalho enquanto estive no Japão. Fiquei muito feliz com isso.

A experiência foi agradável?

Muito boa. O trabalho me deu a oportunidade de conhecer um país, uma cultura e uma nova maneira de viver. Aprendi muita coisa. Infelizmente, nossa equipe não conseguiu subir. Mas para mim foi excelente. Fui o artilheiro do campeonato.

Fisicamente, você sentiu muita diferença ao retornar ao Brasil?

Os japoneses são bons de resistência. E, no Brasil, o futebol é muito mais forte. Durante o ano de 2006, se fiz musculação cinco vezes, foi muito. No São Paulo, esse tipo de trabalho é realizado duas ou três vezes na semana. Para um jogador que ficou fora, a diferença é grande. Mas creio que já estou entrando no ritmo.

Você é baiano, mas o futebol o levou a diversos locais. Fale de sua trajetória.

No meu Estado, foi muito difícil. Fiz teste no Bahia e no Vitória, mas não tive chance. Cheguei a desistir da carreira. Até que, aos 21 anos, surgiu uma oportunidade de viagem. Fui direto para o profissional do Arapongas, time com

que disputei o Campeonato Paranaense. Fiquei quatro meses lá. No ano seguinte, fui para o Internacional de Bebedouro, equipe que defendi na Copa do Estado de São Paulo. Depois, joguei o Campeonato Goiano da Primeira Divisão pela Jataiense. Como fui destaque no torneio, vim para o São Caetano. Do ABC parti para o Paysandu, de Belém do Pará. Na sequência, me transferei para o União São João, em 2005. Quando acabou o Paulistão, fui para o Paraná e participei do Brasileiro. Em 2006, fui para o exterior.

De que maneira se desenvolveu a negociação com o São Paulo FC?

Em agosto de 2006, aconteceu um contato. Naquela época, eu estava com 17 gols no campeonato e nossa equipe ocupava a segunda posição. Fazíamos de tudo para o time ascender à Segunda Divisão. A diretoria, assim, não achou por bem me liberar. De novembro a dezembro, houve outras conversas comigo e meu representante. Depois de uns 15 dias, conseguimos concretizar as negociações.

Muito se ouve falar que a briga para estar entre os 11 titulares é sadia. Tem sido assim com você e seus companheiros de setor?

Sim. Todo mundo quer jogar e todos têm qualidade. Entretanto, minha maior preocupação hoje é estar bem fisicamente. Claro que, em boas condições, vou brigar pelo meu espaço, mas de forma sadia. Vim para fazer meu melhor.

RAIO X

Humberlito BORGES Teixeira
Nascimento: 5/10/1980
Local: Salvador (BA)
Posição: atacante
Altura: 1,76m
Peso: 75 kg
Clubes: Arapongas - PR (2001), Internacional de Bebedouro - SP 2002, Jataiense - GO (2003), São Caetano - SP (2004), União São João - SP (2005), Paraná Clube (2005) e Vegalta Sendai-JAP (2005)

REALIZAÇÕES

Destaque do São Paulo FC na recente excursão à Índia, FRANCISCO ALEX concretizou o desejo de vestir a camisa do clube do coração. Aguarda, agora, a grande chance

Você mal chegou e já foi para a Índia. Qual é sua avaliação dessa excursão?

Foi muito boa. Serviu para que eu mostrasse um pouco de meu futebol. Havia feito apenas jogo-treino e pouquíssimas partidas com o grupo principal. Consegui me destacar. Marquei quatro gols em cinco jogos. Gostaram muito do meu futebol.

Como é o relacionamento entre você e, principalmente, os companheiros que disputam vaga na mesma posição?

Sou meia. Disputo vaga com o Lenílson, o Hugo e o Jorge Wagner, que chegou agora. O respeito é completo. Existe uma disputa sadia, o que é muito bom.

Quando começou a curtir futebol?

Nasci em Vitorino Freire, no Maranhão. Aos 6 anos, fui para uma cidade pequena de Mato Grosso chamada Paranaita. Como meus tios já residiam no local e trabalhavam com garimpo, meu pai foi para lá com o sonho de fazer fortuna. Depois, foram minhas irmãs e minha mãe. Sempre gostei de futebol. Era paixão. O primeiro presente de que me recordo foi uma bola. Eu ficava brincando sozinho, chutando em cima do telhado da casa. Minha mãe pegava no meu pé. Até me dava uns puxões de orelha. Eu saía muito cedo de casa. Estudava de manhã, voltava da escola, mal almoçava e já procurava algum campo para jogar.

Como foi seu início no profissional?

Dos 9 aos 15 anos, joguei futebol de salão. Isso me ajudou bastante, pois não erro muitos passes. Dispatee uns

jogos regionais em Mato Grosso, fui campeão e, depois, fiz algumas partidas estaduais. Houve uma pessoa de uma cidade próxima que gostou do meu futebol e perguntou se eu queria fazer um teste em São Paulo. Ela conhecia o presidente de um clube daqui que talvez até não exista mais. O time disputava a última divisão do Campeonato Paulista e era de Ilha Solteira. O vice-prefeito da minha cidade, que sempre me apoiava e me dava força, veio comigo. Passei na avaliação em novembro de 1999. O treinador gostou muito do meu futebol e, em 2000, passou a dirigir outro time, o Clube Atlético Jalesense, da cidade de Jales, onde me profissionalizei, com 16 anos. Fiquei mais um ano e comecei a rodar por outros times de São Paulo.

Até chegar à Ferroviária...

No ano passado, disputei o Paulista da Série A3 no primeiro semestre pelo Oswaldo Cruz (*da cidade de mesmo nome*), onde conseguimos acesso para a Segunda Divisão. Houve, então, a proposta da Ferroviária. Existiu também o interesse do Irati, do Paraná. Como sempre joguei em São Paulo, porém, optei por continuar no Estado. Em Araraquara, mostrei meu futebol e houve esse desejo do São Paulo.

Você tinha o sonho de defender o Tricolor?

Sempre fui torcedor do time. Minha família toda é são-paulina. Quando me perguntavam que equipe eu gostaria de defender, respondia São Paulo. Para jogar no Tricolor, vou ter toda a paciência do mundo. Vou me dedicar nos treinos para estar preparado. No momento em que surgir uma oportunidade num futuro próximo, quero, se Deus permitir, ajudar o clube.

RAIO X

FRANCISCO ALEX
S. da Silva

Nascimento: 23/12/1983

Local: Vitorino Freire (MA)

Posição: meia

Altura: 1,78m

Peso: 71 kg

Clubes: Rio Preto (2003), Internacional de Limeira (2004), Flamengo de Guarulhos (2005), Barueri (2005), Oswaldo Cruz - SP (2006) e Ferroviária de Araraquara (2006)

PEGADA FORTE

Atleta de grande vigor, **FREDSON** foi revelado no Sul do País, de onde partiu para o Espanyol. Durante quatro temporadas seguidas na Europa, aprimorou seu futebol aguerrido e a habilidade para sair jogando

Durante um treino, o pai do zagueiro André Dias estava vestindo uma camisa do Espanyol, seu clube anterior, com seu nome nas costas. De onde vem todo esse prestígio?

O André Dias é quase meu irmão. Começamos praticamente juntos no Paraná. O pai dele sempre nos visitava. Ao longo dos anos, nos tornamos muito amigos. Eu tenho muita consideração pela família dele. Quando o André foi jogar no Goiás, onde meus parentes moram há seis anos, todos o acataram como filho. O pai dele já foi a Goiânia visitar meus pais. Conhece todo mundo.

E é curioso porque houve aquele lance, ainda no Paraná, em que vocês se desentenderam.

Queríamos ganhar. Foi uma briga que nem nós imaginávamos que pudesse acontecer. Naquela época, já éramos bastante amigos. Houve aquilo para ficarmos ainda mais unidos. Meu pai ligou para ele. E o pai dele ligou para mim. Nem nós entendemos como tudo se desenrolou. No dia seguinte, estava tudo normal.

Foi lá seu começo de carreira?

Antes, passei pelo Francisco Beltrão, equipe da Primeira Divisão do futebol paranaense. Depois, fui para o Paraná Clube. Comecei ali. Subi para o profissional junto com o André (risos).

Nesses tempos, já era volante?

Jogava como meia. Depois, me puseram como segundo volante, porque eu tinha uma pegada mais forte. Terminei me acostumando, tanto que, na Europa, eu jogava atrás, mas saía na boa.

Substituir o Mineiro é uma missão complicada?

Encaro normalmente. Todo jogador é diferente. Cada um busca seu espaço da forma como pode ajudar o time. O Mineiro tem sua personalidade. Um estilo. É um atleta que joga muito bem, fez sua vida e conquistou as pessoas. Desde que cheguei, venho tentando fazer meu trabalho no São Paulo da melhor maneira possível, mas de acordo com meu perfil. O Muricy (Ramalho) já falou isso. Vim para somar.

No Brasil, um episódio envolvendo seu nome, ocorrido em 2003, foi bastante comentado: você deixou o campo desmaiado após disputar uma bola com o atacante Albert Riera numa partida contra Mallorca...

Ele estava de costas para a jogada. A bola veio meio baixa. E eu tentei botar a cabeça nela. O chute dele foi muito forte. Ainda resisti cinco minutos dentro de campo até minhas pernas e meus braços ficarem amortecidos. Tentei um outro lance, mas falei a um amigo que estava mal e caí. A única coisa de que me lembro foi de ter chamado por minha esposa. Acordei no hospital. Não gosto nem de lembrar porque é algo horrível. Depois, vi tudo pela televisão. Foi uma situação muito difícil.

Como estava sua situação no Espanyol?

No ano passado, fui titular. Como houve a troca de técnicos, ele (Ernesto Valverde) tem uma forma de pensar, que respeito. Aconteceram algumas coisas que, a meu ver, não foram corretas. Conversei com ele, entramos em acordo e fui liberado.



RAIO X

FREDSON Câmara Pereira
 Nascimento: 22/2/1981
 Local: Monção (MA)
 Posição: volante
 Altura: 1,82m
 Peso: 76 kg
 Clubes: Paraná Clube(1998/02)
 e RCD Espanyol (2002/07)

Hugo



Após uma rápida passagem pelo clube em 2000, o meia **HUGO** retorna ao São Paulo FC com uma bagagem repleta de experiências que, nos momentos decisivos, podem ser fundamentais

RAIO X

HUGO Henrique Assis do Nascimento

Nascimento: 7/10/1980

Local: Rio de Janeiro (RJ)

Posição: meia

Altura: 1,81m

Peso: 78 kg

Clubes: Campo Grande – RJ (1998), Fluminense (1999), Atlético-PR (2000), São Paulo (2000), Monterrey – MEX (2001), Friburguense (2001/02), Flamengo (2002), Juventude – RS (2003/06), Verdy Tokyo – JAP (2004), Corinthians (2005) e Grêmio (2006)

DE VOLTA

Como você, carioca, veio parar nas categorias de base do Tricolor paulista, em 2000?

O Gilmar Rinaldi (*ex-goleiro são-paulino e, hoje, empresário*) me trouxe para realizar um teste. Fiz dois treinos com o pessoal dos juniores. Na época, o treinador era o Edinho, que pediu que eu me federasse. Comecei a jogar o Paulistão. Entrei como titular, fui bem e acabei subindo para o profissional. Mas não tive chance. No término de meu contrato, fui para o Monterrey, do México.

Você ganhou títulos com o São Paulo FC e fez parte de um time com grandes valores. Correto?

Consegui, sim. Foram um Sub-20 e um Paulista em 2000. Chegamos à final da Taça São Paulo em 2001, mas perdemos. Nosso grupo era muito forte. Havia jogadores que fazem sucesso no Brasil e no exterior, como Kaká, Júlio Baptista e Júlio Santos, entre outros.

Depois da passagem pelo México, você rodou bastante. Passou por muitos clubes do Brasil até retornar ao São Paulo.

Qual o motivo dessa peregrinação?

Os jogadores hoje têm empresário muito cedo. E, se o atleta não tem os direitos presos ao clube, certamente vai rodar a fim de encontrar o que é melhor para ele. Termina sendo uma situação normal. No ano passado, fui muito bem no Grêmio. Mas o clube não teve condições financeiras para me manter. Saí e estou muito feliz no São Paulo. Assinei um contrato longo.

Você é um atleta versátil, tanto é que jogou em lugares completamente diferentes: no Rio de Janeiro, onde o futebol é mais técnico; no Rio Grande do Sul, onde prevalece a pegada; e, agora, em São Paulo, Estado em que talvez exista uma mescla de estilos. Quer dizer, o que você viveu antes é muito relevante hoje?

O Sul foi muito importante. Além do Grêmio, tive uma passagem pelo Juventude. Essas experiências me ajudaram no senso de marcação. Hoje, sou mais participativo. Mas fui formado no Rio de Janeiro. Lá, os jogadores realmente têm uma certa técnica. Atualmente, procuro unir essas coisas para poder produzir mais no meio-de-campo.

E o que lhe rendeu a estada no Verdy Tokyo, do Japão?

Foi uma experiência bacana. O Japão tem uma cultura diferente e um povo extremamente inteligente que gosta de trabalhar. É um país maravilhoso para viver. Mas é longe demais. A distância e a comida não são muito legais (*risos*). Esses fatores me atrapalharam um pouco. Além disso, o idioma é muito difícil.

Você chegou na condição de reforço de peso para jogar na posição de um atleta que, nos últimos anos, muitas alegrias deu ao torcedor são-paulino. Como você lida com essas responsabilidades?

Procuro me esforçar, mostrar meu jogo. O Danilo foi um atleta importante para o clube e conquistou títulos. Estou procurando fazer o meu melhor para que também possa ajudar o São Paulo a chegar aos troféus. Quero deixar meu nome na história do Tricolor.

LATERAL VOADOR

Esbanjando fôlego e experiência, **JADILSON** é mais uma excelente opção para ajudar o plantel a manter-se competitivo nos diversos certames que disputa



Qual é a receita para chegar a um clube da envergadura do São Paulo FC e, logo na primeira participação, jogar bem e receber elogios?

Sempre foi meu sonho vestir a camisa do São Paulo e, graças a Deus, fui bem-acolhido por todos desde que cheguei. Tive uma oportunidade e acho que estou correspondendo. Espero ter a possibilidade de continuar realizando um bom trabalho.

Como é a sua relação com o Júnior?

Respeito muito os companheiros. Na minha opinião, o Júnior é um dos melhores do Brasil e tem um currículo invejável. Além de tudo, é um amigão que tenho aqui dentro. Mas, no futebol, todos querem ser titulares. Se eu vacilar, ele passa por cima. Mas é bom dizer que é uma briga sadia. Sem qualquer tipo de confusão.

Desde quando você joga bola?

Comecei com 17 anos. Trabalhava como camelô e, incentivado pelo meu irmão, fui fazer um teste no CRB. Ele disse que seguraria a barra em casa. Tive a felicidade de passar e, com 20 anos, me profissionalizei. Depois, consegui engatar na carreira.

Já conhecia o Souza, pois vocês são da mesma região?

Sim. Tínhamos uma amizade. Jogávamos um contra o outro nas peladas. Ele era do time do Beto e eu, do São Paulo do Belinaldo. Já havia também uma certa amizade com o Aloísio. No Goiás, conheci o André Dias e o Leandro. Assim, a adaptação foi fácil.

Naquela época, o Souza tinha a língua afiada?

Ficou mais afiada ainda (*risos*). O Souza é um cara muito gente boa. Faz isso só para dar cada vez mais motivação.

Você é um atleta bastante rodado, com experiências até no exterior. Fale um pouquinho do período no Japão.

Foi bem difícil. A cultura é diferente e o idioma, complicado. O intérprete tem de estar sempre ao seu lado. Mas havia ocasiões em que não ficava. Ele costumava permanecer por perto quando eu estava no clube. A maior parte do tempo foi do treino para casa. A vida social fica comprometida demais. Mas tentei me virar como pude. No total, foram sete meses. Fui mais pelo dinheiro. Para dar uma condição melhor à minha família.

O que aprendeu com cada experiência?

Acredito que é preciso trabalhar para corrigir os pontos falhos. O jogador evolui apenas com os treinos. Achava que eu não cruzava bem. Comecei, então, a me dedicar mais a esse fundamento. Hoje, graças a Deus, estou cruzando melhor.

Você é um lateral-esquerdo atrevido. Vai ao ataque com perigo e volta para defender. Desenvolveu essa característica ao longo de sua carreira?

Com certeza. Hoje, não se pode apenas marcar ou atacar. É preciso fazer os dois. O jogador moderno é assim. Os técnicos procuram atletas que dominam esses fundamentos.

RAIO X

José JADILSON
dos Santos Silva

Nascimento: 4/12/1977

Local: Maceió (AL)

Posição: lateral-esquerdo

Altura: 1,65

Peso: 65kg

Clubes: CRB-AL (1998/99), Portuguesa de Desportos (1999), Botafogo - SP (2000/01), Guarani (2001), Consadole Sapporo - JAP (2002), Fluminense (2003), Paraná (2004) e Goiás (2004/06)

OBJETIVOS TRACÇADOS

Com vários títulos de expressão na bagagem e um futebol de alto nível, **JORGE WAGNER** chegou ao Tricolor credenciado e sabendo muito bem o que deseja

Como adversário, você sempre deu trabalho ao Tricolor. Está preparado para fazer o caminho inverso e proporcionar muita alegria ao torcedor são-paulino?

Nas equipes pelas quais passei, sempre tive um bom aproveitamento. Minha filosofia de trabalho é me empenhar ao máximo para poder ajudar os companheiros e meu time a chegar aos títulos. No São Paulo, não vai ser diferente. Quando vim para cá, tracei objetivos para esta temporada e vou em busca deles.

Qual era a sua visão do clube?

Time grande. Acho que qualquer atleta gostaria de jogar aqui. Ainda hoje, mantenho contato com jogadores das equipes que defendi. Eles estão sempre fazendo perguntas sobre o São Paulo. Tenho falado maravilhas deste clube.

Por ter trabalhado com o Muricy no Inter, acredita que sua contratação teve um dedo dele?

Termos trabalhado juntos foi muito importante. Deve ter facilitado, porque ele já sabe como é minha forma de jogar e me conhece pessoalmente. O que fiz nas equipes pelas quais passei também deve ter pesado. Se não tivesse dado uma resposta em campo, não estaria aqui. Para chegar ao São Paulo FC, tem de ser um jogador com experiência e títulos.

De que maneira se desenrolou a sua vinda, até porque a imprensa noticiava a sua chegada ao Grêmio?

Desde o fim do ano, falava-se na minha volta ao Brasil. Existiam várias equipes interessadas. Tive conhecimento delas ainda na Espanha. Praticamen-

te durante um mês, meus empresários mantiveram contato com o Grêmio. Me diziam que estava quase fechado. No último dia de inscrição, porém, fui conversar com a diretoria do Betis. Eles me apresentaram a proposta do São Paulo. Falaram que era a única que tinham na mesa. Fui pego de surpresa, porque eu não sabia de nada. Mas fiquei muito feliz e contente em saber que o São Paulo havia se interessado por mim. O Betis estava precisando da minha vaga para inscrever outro jogador. Estavam querendo um atacante. Em pouco tempo, meus representantes, que estavam no Brasil, e eu acertamos o contrato com o São Paulo FC.

Você estava insatisfeito no Betis, pensando em retornar ao Brasil?

Depois da Copa Libertadores, fui para a Europa. Tracei objetivos na minha vida. Fiz um contrato com o Betis de quatro anos e realmente havia planos para o clube. Mas as coisas não aconteceram do jeito como eu queria. O time também não estava vindo bem e, como os dirigentes desejavam contratar um atacante, facilitaram a minha saída. Me puseram em disponibilidade no mercado. Na Espanha, a vaga extracomunitária é muito valiosa.

Antes disso, você teve outra passagem pelo exterior. O que a Rússia lhe rendeu?

Como minha primeira experiência fora, foi boa e importante pelo aspecto pessoal. Todo atleta tem de passar por uma situação dessa. Não tive muitas oportunidades e ainda rolaram dificuldades com o frio, a alimentação e o idioma. Mas tudo isso faz parte do futebol. Vamos nos adaptando. Fui com o Leandro, que não ficou muito.

RAIO X

JORGE WAGNER

Góes Conceição

Nascimento: 17/11/1978

Local: Feira de Santana (BA)

Posição: meia

Altura: 1,78m

Peso: 69 kg

Clubes: Bahia (1996/2000), Cruzeiro (2001/02), Corinthians (2003), Lokomotiv Moscou (2003/04), Internacional (2005/06) e Real Betis - ESP (2006/07)



RAIO X

MARCEL Augusto Ortolan

Nascimento: 12/11/1981

Local: Mirassol (SP)

Posição: atacante

Altura: 1,87m

Peso: 88 kg

Clubes: Guarani – SP (1997), Coritiba (1999), Suwon Bluewings – COR (2004), Acadêmica de Coimbra (2005), Benfica (2006) e Sporting Braga (2006)

DE BEM COM A VIDA

Embora pouco conhecido no Brasil, o atacante **MARCEL** já defendeu até a seleção. No momento, está feliz por fazer parte, segundo suas próprias palavras, do melhor clube do País

Fale de seus primeiros passos no futebol.

Comecei na minha cidade, que é Mirassol, interior de São Paulo. Em 1997, fui para o Guarani de Campinas. Fiquei até o ano seguinte. Em 1999, parti para o Coritiba e completei meu ciclo nas categorias amadoras. Virei profissional em 2000. Em 2004, fui para a Coréia do Sul. Fiquei um ano e fui campeão sul-coreano. Em 2005, fui para Portugal, onde permaneci dois anos.

Recebeu o apoio da família quando decidiu tornar-se jogador de futebol?

Meu pai foi goleiro profissional. Jogou no América de Rio Preto, no Atlético-MG e no Londrina. Quando era garoto, eu via os álbuns dele. Aquelas fotos foram despertando meu interesse pelo futebol. Mas ele nunca me forçou a nada. Foi minha vontade mesmo e, graças a Deus, está dando certo.

O ano de 2003 foi muito bom para você. O que aconteceu exatamente?

Até hoje, 2003 foi o melhor ano da minha carreira. Cheguei à seleção brasileira e fiz

32 gols naquela temporada. Foi uma marca muito boa. Com o Coritiba, conquistei o Campeonato Paranaense de forma invicta. Depois, houve o acesso à Libertadores. Era um grupo excelente, que foi desmanchado pelo assédio de outros clubes. Ali tive a maior projeção de minha carreira. Foi onde tudo começou.

O sucesso possibilitou a transferência para a Coréia do Sul. Como foi por lá?

Não foi fácil. Fui com a idéia de aproveitar o lado financeiro. Sabia que, na Coréia, não existia visibilidade alguma. Mas fui para poder ajudar minha família, que é muito humilde. Mesmo com todos os obstáculos, como idioma difícil e alimentação, fiquei um ano, consegui um título e marquei 12 ou 13 gols. Na seqüência, fui para Portugal.

Em Portugal, você se sentiu em casa.

Em Portugal, foi mais fácil. Me adaptei rápido. Comecei num time chamado Acadêmica de Coimbra. É um clube pequeno, mas onde pude mostrar meu futebol, fazer

13 gols numa temporada e despontar. Na seqüência, houve o interesse do Benfica, que comprou meus direitos federativos.

A negociação com o São Paulo ocorreu de que modo?

Foi rápida porque, quando o São Paulo manifestou o desejo de contar comigo, existiam outras equipes interessadas, mas não havia evolução (nas negociações). Rapidamente, meus empresários fecharam o negócio com o Benfica. Fiquei muito feliz porque o Tricolor é o maior clube do Brasil. Quero me preparar bem e corresponder às expectativas.

Como foi a experiência na seleção brasileira?

Para mim, foi muito bom. Joguei seis ou sete partidas e fiz três gols no Pré-Olímpico do Chile. Obviamente, não foi um bom resultado para a seleção brasileira, já que não conseguimos a classificação. Mas obtive certa projeção no cenário nacional e até internacional. O Ricardo Gomes (técnico) apostou em mim. Ele me passou confiança.



Rafinha

DETERMINADO

Depois de uma temporada bem-sucedida no Rio Grande do Sul, **RAFINHA** quer mostrar serviço e buscar seu espaço no clube do Morumbi

Como você chegou ao São Paulo FC pela primeira vez?

Comecei no Corinthians (*risos*). Fiquei um ano no clube e não fui aproveitado. Na seqüência, meu destino foi a Portuguesa. No Canindé, permaneci por seis temporadas. Cheguei a jogar pela equipe profissional. Mas tive um problema lá com salário e fundo de garantia. Entrei na justiça; saí e vim para os juniores do São Paulo. Terminei sendo emprestado ao Santo André. Voltei um pouco depois e parti para o Grêmio. Essas experiências foram boas para mim. No futebol gaúcho, aprendi muito. Agora é esperar uma oportunidade aqui.

Já deu tempo de se entrosar com os companheiros?

O grupo é muito bom. Os veteranos ajudam bastante os novos jogadores. Não tive nenhuma dificuldade, não.

Quem é o atleta mais próximo a você?

O Hugo. Construímos uma amizade forte no Grêmio. No São Paulo, não é diferente.

Com um elenco recheado como o do São Paulo FC, não é fácil conquistar vaga no time. De que forma você trabalha isso na sua cabeça?

É complicado. No Sul, não havia tantas opções quanto aqui. Existem muitos jogadores de nome. Tenho de trabalhar e esperar a oportunidade chegar. Quando aparecer, preciso estar bem para agarrá-la e não deixá-la escapar. Caso contrário, ela pode passar e não haver

uma segunda chance. Meu contrato vai até 2009. Tenho um certo tempo para mostrar alguma coisa. Mas quero apresentar um bom futebol já neste ano.

Quando entrou em campo, suas atuações foram elogiadas pela imprensa.

Isso é ótimo, mas tenho de trabalhar para conseguir a oportunidade de sair jogando, que ainda não tive.

Como é o Muricy Ramalho no dia-a-dia?

É um treinador que pega no pé. Com ele, não tem moleza, o que é muito bom, pois ajuda o atleta a não se acomodar. É por isso que o time está jogando dessa forma. Além disso, conversa bastante e extrai o máximo de cada jogador. Ele sabe o que cada um pode render.

Você já passou por uma série de times e conseqüentemente deve ter percebido os diferenciais do Tricolor em relação aos outros...

É o que quase todos os jogadores falam. A estrutura do São Paulo, poucos times têm. O Centro de Treinamento é muito bom, desde a comida até o campo. Esse é um dos fatores que mais fazem a diferença.

Quer mandar algum recado para a torcida?

Estou com muita força de vontade e determinação. Estou no São Paulo para ajudar. Tive algumas passagens por aqui, fui emprestado ao Santo André e ao Grêmio, mas, em 2007, meu pensamento é ficar e buscar minha chance.

RAIO X

RAFINHA

Rafael da Silva Francisco

Nascimento: 4/8/1983

Local: Guarulhos (SP)

Posição: meia

Altura: 1,67m

Peso: 61 kg

Clubes: Portuguesa de Desportos (1996), São Paulo FC (2002), Santo André (2005) e Grêmio (2006)

**O VALOR DE NOSSA CAMISA ESTÁ
NOS VALORES QUE ELA DESPERTA.**

Vestir a camisa do São Paulo Futebol Center, as escolas de futebol oficiais do Tricolor, não representa apenas o sonho de tornar-se atleta profissional. Significa fazer amigos e aprender, desde muito cedo, ensinamentos no esporte que valerão por toda uma vida.

Visite www.saopaulofc.net para mais informações.

**SÃO PAULO
FUTEBOL
CENTER**



UNIDADES JABAQUARA (11) 5073 3343 / STO. AMARO (11) 5687 6480 / BUTANTÃ (11) 3731 8262 / SANTANA (11) 6971 1313 e 6977 7732 / PENHA (11) 6197 2029
FREGUESIA DO Ó (11) 3935 1764 / MAUÁ (11) 4513 3932 / COTIA e SÃO ROQUE (11) 4612 1618 / TABOÃO DA SERRA (11) 4787 1476 / OSASCO (11) 3683 0600
GUARULHOS (11) 6442 7354 / JUNDIAI (11) 4816 3294 / STO. ANDRÉ (11) 4991 8765 / S. J. DOS CAMPOS (12) 3941 2330 / SANTOS (13) 3261 1810 / CAMPINAS (19) 3237 4777
INDAIATUBA (19) 3834 4642 / SOROCABA (15) 3232 8332 / RIBEIRÃO PRETO (16) 3623 1715 / JOINVILLE (47) 3425 3008 / CURITIBA (41) 3015 1300 / BRASÍLIA (61) 3349 6614

Juniores



REVELAR TALENTOS: A BASE DO TRABALHO

O São Paulo FC investe pesado para formar JOVENS VALORES e abastecer o time principal. Um exemplo dessa filosofia é a moderna estrutura do Centro de Formação de Atletas Laudo Natel, em Cotia, que já começou a surtir efeitos

Por Filipe Sansone
Colaborou Adriano Conter

Estrutura, tecnologia de ponta e equipe integrada. De acordo com Marcos Tadeu Novaes dos Santos, diretor de Futebol Amador do São Paulo FC, esse é o trinômio que rege a preparação dos atletas da categoria de base tricolor. Alicerçado nesses conceitos, o time do Morumbi formou a equipe de juniores que arrematou o vice-campeonato da Copa São Paulo, a Copinha.

No torneio, que teve início em 6 de janeiro, o plantel fez excelentes apresentações. Em algumas partidas, como na vitória por 4 a 1 sobre o Atlético-PR, na semifinal do campe-

onato, esbanjou categoria de veterano. No total, foram oito embates. Sob o comando do técnico Marcos César Vizolli há quatro anos, o grupo chegou à final com 100% de aproveitamento e com um saldo de 24 gols.

Após o fim da competição, o goleiro Jorge Miguel e o zagueiro Breno, em razão do bom futebol exibido, foram promovidos. "Agora é trabalhar. Fico feliz pelo Muricy ter me colocado no grupo", comenta o defensor em seu novo local de trabalho, o Centro de Treinamento da Barra Funda. Para o São Paulo FC, situações como essa são comuns. Os resultados são frutos de um investimento que, há tempos, o clube faz na preparação e no desenvolvimento de jovens atletas.



O TRICOLOR NA COPINHA DE 2007

A equipe comandada por Marcos César Vizolli - há cerca de 20 anos no clube, quatro como técnico dos juniores - apresentou um ótimo futebol no certame, ficando com o vice-campeonato. Na fase 1, o Tricolor terminou em primeiro colocado de seu grupo com três vitórias e um saldo de nove gols. Na seguinte, venceu o Rio Branco por 2 a 0. Na terceira, derrotou o São Bento por 4 a 1. Na fase 4, a vítima foi o Fluminense (2 a 1). Na semifinal, o resultado do jogo ficou em 4 a 1 para o time paulista diante do Atlético-PR. Na final da Copa, realizada em 25 de janeiro, no Pacaembu, contra o Cruzeiro, a partida ficou empatada por 1 a 1 no tempo regulamentar. Nos pênaltis, o time de Belo Horizonte fatiou o título por 6 a 5.



INTEGRAÇÃO

De acordo com o técnico Vizolli, o CFA aproximou as categorias de base

trabalho realizado ao longo do ano é organizado de acordo com as viagens que o São Paulo faz para disputar competições, como o Paulista e a Taça Belo Horizonte, entre outros campeonatos. Mas não há como negar que o que é feito durante toda a temporada objetiva a Copa São Paulo.

PARA DISPUTÁ-LA, a equipe ficou concentrada em São Carlos. O plantel treinou em bons campos e quem precisou recuperar-se de algum problema pôde usar uma piscina. "Essa preparação foi muito importante", acredita Vizolli. "Assistimos a palestras e contamos com a visita do cantor Salgadinho, do Katinguelê, e do doutor Marco Aurélio Cunha, além de *shows* de mágica." Esse tipo de atividade é fundamental entre os jovens do grupo, que geralmente ficam longe da família na época das festas de fim de ano.

INAUGURADO EM 16 DE JULHO DE 2005, dois dias depois da conquista do tricampeonato da Libertadores, em Cotia, região metropolitana de São Paulo, o Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel (CFA) é um dos diferenciais do clube. Com uma área de 220 mil metros quadrados, abriga uma infra-estrutura complexa, suprimindo todas as necessidades da base. O local conta com campos específicos para as categorias infantil, juvenil e júnior, além de alojamentos com banheiro privativo, refeitório, piscina e quatro vestiários.

Atualmente, há 88 residentes, 18 jogadores hospedados em um hotel nas proximidades e 35 jovens que moram na capital e vão a Cotia todos os dias. Existe também um centro de avaliação física e recuperação de jogadores semelhante ao Reffis (Reabilitação Esportiva Fisioterápi-

ca e Fisiológica), para o qual vêm sendo adquiridos aparelhos com tecnologia de ponta. "Com o CFA, as condições melhoraram muito. Hoje temos uma integração completa. O ambiente é muito bom", explica o técnico Vizolli. "Estamos muito mais próximos do acerto do que antes, quando torcíamos para que algo acontecesse."

As categorias permanecem próximas umas das outras e as comissões técnicas têm reuniões periódicas. Esses encontros visam a uma melhora na comunicação interna. Afora isso, há um acordo com os colégios Ecco e Campos Sales, com o Anglo Vestibulares e as Faculdades European para que os adolescentes possam estudar e ter aulas de reforço. "Todo atleta que treina no CFA tem de estudar", conta o dirigente Santos.

DESDE QUE MURICY RAMALHO assumiu o comando do plantel principal, as categorias júnior e juvenil freqüentam o CT de São Paulo. Todas as semanas, a comissão técnica leva à Barra Funda uma equipe para treinar. Isso possibilita que o jogador da base tenha o conhecimento de como funciona a estrutura e que Muricy Ramalho saiba quais são os adolescentes com mais potencial.

O fato de já conhecer os atletas facilitou o período de adaptação de Jorge Miguel: "Conhecia todo mundo", relata o arqueiro. "Já me adaptei. Tem algumas coisas que preciso pegar, mas estou bem-acostumado. Todos me receberam muito bem", declara, sorridente.

Antes de qualquer elenco são-paulino entrar em campo para disputar uma competição, o setor de gerenciamento do clube toma uma série de precauções. A primeira medida é o estabelecimento de um cronograma que leva em consideração a extensão do torneio. Existe ainda um projeto de preparação que envolve a área técnica e o condicionamento dos jogadores.

No que diz respeito aos juniores, o

DESTAQUE INTERNACIONAL

O Sub-19 do São Paulo, dirigido por Vizzoli, arrematou mais um importante título. Em abril, ganhou a Dallas Cup, competição considerada o Mundial Interclubes da categoria. O clube, que já havia vencido o torneio em 1995, não perdeu nenhuma partida. Ao longo da primeira fase, derrotou o Tigres, do México (3 a 1); o Eintracht Frankfurt, da Alemanha (4 a 3); e o Shamrock Rovers, da Irlanda (6 a 1). Terminou em primeiro do grupo C. Na semifinal, bateu os espanhóis do Real Madrid pelo placar de 4 a 1. Na final, o atacante Thiago, artilheiro do certame realizado nos EUA com nove tentos, garantiu a vitória do clube paulista por 1 a 0 sobre o Chelsea, da Inglaterra. O São Paulo jogou com Riner, Jackson, Aislan, Léo e Diogo; Serginho, Luan (Léo Medeiros), Sérgio Motta e Flávio (Bruno); Eric e Thiago (Thiago Azulão).

Perfil

RAIO X

LEANDRO

Lessa Azevedo

Nascimento: 13/8/1980

Posição: atacante
(meia/lateral-direita)

Local: Ribeirão Preto (SP)

Altura: 1,73m

Peso: 70 kg

Clubes: Botafogo - SP (1999/01),
Corinthians (2001/03), Lokomotiv
Moscou - Rússia (2003/04), Goiás
(2004) e Fluminense (2005)

Títulos: Copa do Brasil (2002),
Torneio Rio-SP (2002), Cam-
peão Paulista (2003), Campeão
Carioca (2005) e Campeão Bra-
sileiro (2006)

FOTOS RUBENS CHIRI

PERSISTÊNCIA DE

CAMPEÃO

**Em plena
forma e
jogando no
clube do
coração,
LEANDRO
atravessa
a melhor
fase de sua
carreira.
Para se
tornar
profissional,
entretanto,
teve de
driblar
inúmeros
obstáculos**

ÃO

Por Filipe Sansone

Alguns momentos ficam gravados na memória. A conquista do Brasileiro de 2006, no Morumbi, foi um desses instantes inesquecíveis. Representando muito bem o estado de espírito de toda a nação são-paulina, Leandro eternizou a celebração do título com a comemoração sobre as traves do estádio. A imagem tornou-se ícone da campanha tricolor na competição.

Tanto a torcida quanto os atletas vibraram com a energia do atacante. "Foi o título mais importante (*da carreira*) pelo fato de estar jogando no clube do coração", explica. Desde então, passou a integrar um seleto grupo de atletas que, além de muito terem ajudado o São Paulo, são aficionados pelo clube, como Chicão e Roberto Dias.

Para soltar os gritos de vitória, porém, Leandro Lessa Azevedo teve de enfrentar uma série de dificuldades e ser persistente. Nascido na cidade de Ribeirão Preto, a cerca de 300 quilômetros de São Paulo, passou a infância e a adolescência ao lado dos pais e dos irmãos.

Em casa, a vida não era fácil. A família dependia da renda do pai, instrutor de boxe. "Mas, se houvesse duas (*pessoas trabalhando*), seria difícil do mesmo jeito." Na adolescência, Leandro procurou encontrar formas de ajudar. Aos 15 anos, trabalhou em uma funilaria na qual um primo estava empregado e num lava-rápido.

Independentemente das dificuldades, a vontade de ser jogador profissional resistia. "Foi sempre meu grande objetivo." No começo, tinha de ir sozinho a jogos e treinos. Aos poucos, o pai, que - pelo fato de vir de outro esporte - não dava tanto incentivo, percebeu o talento diferenciado do filho. Passou, então, a apoiá-lo e a levá-lo a testes em equipes da cidade.

A primeira oportunidade aconteceu em 1998, quando conseguiu tornar-se meia-direita no time júnior do Botafogo de Ribeirão Preto. "Nunca treinei nem no infantil nem no juvenil de nenhum time", revela. "Em poucos meses, virei profissional. Foi uma fase complicada." Ele teve de acostumar-se com outro estilo. Estava, afinal, habituado com o futebol de rua. Aprender posicionamento e adquirir

noção de jogo foram as tarefas que mais exigiram empenho.

As conseqüências da dedicação ao trabalho logo apareceram. Em 1998, o atleta foi vice-campeão da Série B do Brasileiro. Em 2001, o Botafogo foi o segundo colocado no Paulista. E Leandro, já como atacante, sagrou-se melhor jogador do interior no estadual. "Acho que isso não teria acontecido se o grupo do Botafogo não tivesse chegado", pensa. Quem comandava a equipe na época era o técnico Edson Mariano, um grande amigo e com quem Leandro ainda hoje conversa.

Era o início da ascensão. O bom desempenho no Paulista rendeu-lhe propostas de uma série de grandes times. Por pouco, ele não vestiu a camisa do São Paulo FC. "Na vida, as coisas nunca acontecem por acaso", comenta. A transferência ocorreu em 2001 para o Corinthians. No arquivado, conquistou uma Copa do Brasil, um Torneio Rio-São Paulo e um Campeonato Paulista. Com esses títulos no currículo, ganhou visibilidade.

SEU POTENCIAL e sua categoria indicavam crescimento profissional. Rapidamente, surgiu o interesse de uma agremiação do exterior. Em 2003, partiu para o Lokomotiv Moscou, da Rússia. A oportunidade de jogar na Europa com um belo salário o seduziu. No gélido país, permaneceu durante um ano.

A situação, porém, não foi tão próspera quanto esperava. Se no Brasil existem jogadas trabalhadas, troca de passes e lances em que prevalece a habilidade individual, na Rússia a bola viajava direto da defesa para o ataque e, dificilmente, Leandro tinha a oportunidade de arriscar um drible. Afora esses fatores, a distância da família, o frio e, sobretudo, o fato de não ter podido estar próximo no momento da morte do pai pesaram na decisão de voltar ao Brasil. "No começo de 2004, quase encerrei minha carreira", desabafa. "Hoje, antes de fazer uma transferência, vou pensar muito mais na minha felicidade e nas minhas condições de trabalho."

Em vez de deixar os gramados, Leandro abandonou o hostil clima moscovita. Aportou no calor do Centro-Oeste, onde vestiu a camisa do

Perfil



FICA, LEANDRO
O jogador prolongou seu contrato por mais um ano: está garantido até o fim de 2009

BATE-BOLA

No começo de carreira, você era meia. Quando ocorreu a mudança para o ataque?

De 2000 para 2001. Por ter velocidade e cair bem pelos lados, me puseram na frente. Às vezes, sou atacante, como em 2006 no São Paulo. Mas um falso atacante, já que também faço um papel no meio-de-campo. Diziam que o Tricolor jogava com dois na frente, o Aloísio e eu. Mas não era. Eu ficava no meio, chegando (*à frente*), porque tenho força para fazer isso.

Foi importante ter ido para o exterior e passado por outras equipes antes de aportar no Morumbi, já que você jogou no Corinthians e, se viesse de lá diretamente, poderia ser um problema?

Com certeza. Apagou um pouco. Quando se sai de um time grande que é muito rival do outro para o qual se vai, o jogador pode sofrer uma cobrança maior do que a que eu tive quando cheguei. Além disso, acho que, de uns anos para cá, melhorei bastante, cresci muito de produção, tanto tática quanto tecnicamente. Procuro me dedicar mais no posicionamento. É claro que, quando se roda, fica-se mais experiente. O profissional tende a conhecer filosofias diferentes, a trabalhar com outros treinadores. Os últimos três que peguei - Celso Roth (*no Goiás*), Abel (*Braga, no Fluminense*) e agora o Muricy (*Ramalho, no São Paulo*) - souberam tirar de mim o meu melhor.

O que a conquista do Campeonato Brasileiro representou?

Foi meu título mais importante pelo fato de estar jogando no clube de coração, no time em que, em tão pouco tempo, tive o reconhecimento de todos. Em nenhuma outra equipe, tive essa valorização. Para mim, representou muito. Mas encaro isso como passado. Em 2007, penso em novas conquistas. É para isso que estamos trabalhando e é isso que a torcida quer.

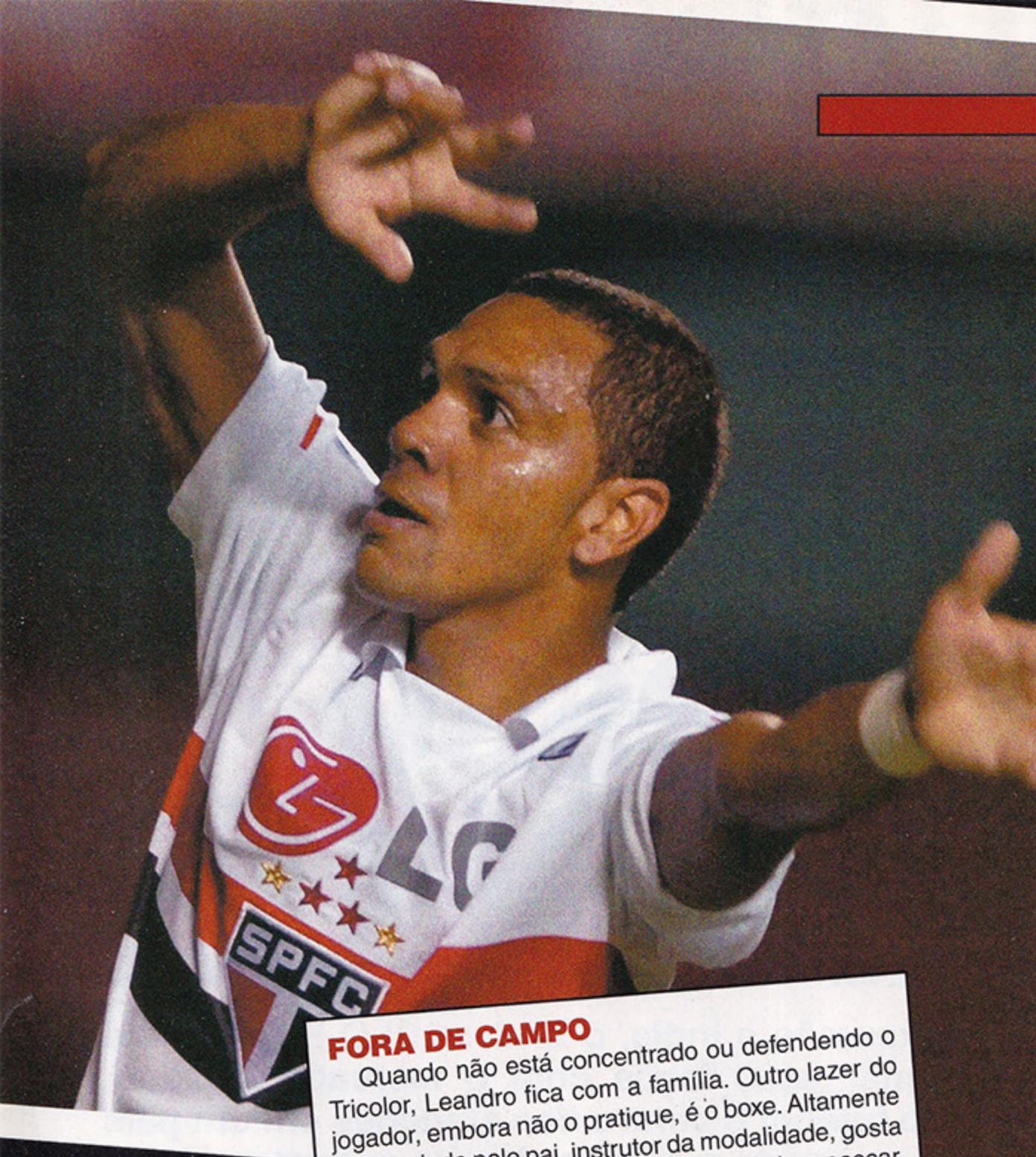


EXTENSIVO NO ANGLO

Matrículas Abertas - Valores Promocionais

3273-6100 • www.cursoanglo.com.br

anglo
VESTIBULARES
O Rei dos Bichos.



FORA DE CAMPO

Quando não está concentrado ou defendendo o Tricolor, Leandro fica com a família. Outro lazer do jogador, embora não o pratique, é o boxe. Altamente influenciado pelo pai, instrutor da modalidade, gosta de acompanhar combates. Afora isso, adora pescar. "É quando você refresca a cabeça, pode sair do mundo desgastante do futebol e dar uma desligada."

ATITUDE DE GUERREIRO

Leandro vem realizando ações sociais em prol de comunidades carentes. O jogador é sócio de uma instituição, da qual hoje fazem parte 60 crianças, chamada Anjos Querubins, em Jardinópolis, a 20 quilômetros de Ribeirão Preto. A garotada estuda e tem aula de computação. "Queremos que haja atendimento

médico", explica o atleta.

A entidade tem parceria com a Gatorade e a Nike, que lançará uma camisa estampada com a foto do jogador sobre as traves do Morumbi na comemoração do título Brasileiro. A peça custará R\$ 48,00 e os valores arrecadados com as vendas serão revertidos para a entidade.

Goiás. Os novos ares foram altamente positivos. No pouco período em que ficou no time, cerca de seis meses, balançou as redes 14 vezes no Campeonato Brasileiro.

Essa etapa serviu como prova de que possuía condições de retornar a um time de ponta. Também foi significativo o contato com o técnico Celso Roth. "Para mim, foi importante trabalhar com um treinador que me serviu mais como pai."

Em razão da boa fase, o Fluminense o contratou em 2005. De acordo com Leandro, foi uma oportunidade muito interessante, porque, ao contrário do que acreditava, teve de trabalhar duro. Na época, Abel Braga estava no comando. Lá, venceu um certame estadual.

No fim da temporada, apareceu a possibilidade de realizar um grande desejo: jogar no São Paulo Futebol Clube. Na época, havia uma proposta de um time japonês, mas o atleta não hesitou. "Abri mão de algumas coisas para ficar livre (*do Lokomotiv Moscou, que ainda possuía seus direitos federativos*) e, quando o pessoal do São Paulo entrou em contato comigo, não pensei duas vezes. Aqui sempre foi um lugar em que sonhei jogar."

Em pouco tempo, o atacante, que está no plantel desde janeiro de 2006, conquistou seu lugar e a confiança do técnico Muricy Ramalho. Um fator que pesa a seu favor é a versatilidade. "Sempre deixei claro que não tenho preferência por posições", declara. "Onde (*Muricy Ramalho*) precisar de mim, desde que tenha condições de fazer, vou estar à disposição."

Anglo

COLÉGIO
ECCO

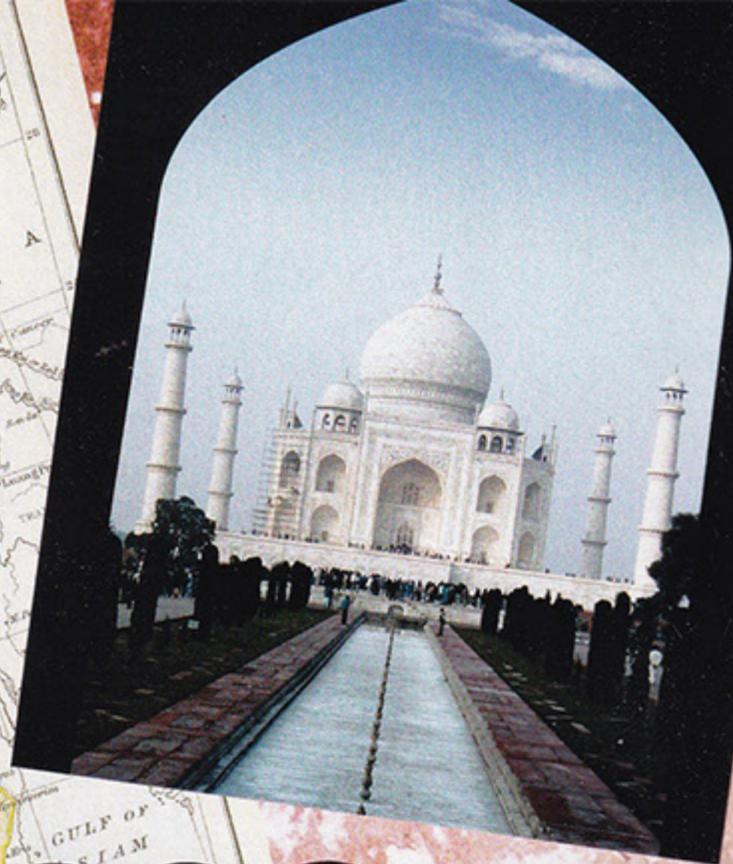
Ensino Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio

Embu - SP
4704 6644

Transporte Gratuito

Matriculas Abertas

Exterior



Expresso TRICOLOR

Em excursão à Índia, o **SÃO PAULO FC**, além de reafirmar seus laços com o mercado asiático, fez do futebol o centro das atenções em um país onde o esporte mais popular é o críquete

Por Rafael Furugen

Em virtude de suas especiarias e riquezas, a Índia sempre foi uma região cobiçada por diversas nações. Até proclamar sua independência, em 1947, passou um longo período lutando contra o domínio inglês. Hoje, o país, quarta maior economia asiática - ficando atrás apenas de Japão, China e Coréia do Sul -, é um dos principais exportadores de mão-de-obra qualificada para a América e o Velho Continente.

Também interessado em negociar com a Índia, o Brasil uniu-se a ela em um acordo diplomático. Desde 2003, os dois estão lado a lado no Grupo dos 20 (G20), união entre países em desenvolvimento que discutem a diminuição das barreiras comerciais entre os mercados industrial e, principalmente, agrícola. O debate foi aberto em novembro de 2001 na rodada de Doha (Catar), estabelecida pela Organização Mundial do Comércio (OMC). No âmbito es-

portivo, entretanto, a ligação ocorreu há mais tempo e foi selada com as cores vermelha, preta e branca.

Nos anos de 1984 e 1989, o São Paulo FC fez duas visitas aos indianos. Naquelas ocasiões, deu o pontapé inicial numa empreitada que tinha a finalidade de tornar o clube conhecido entre os apreciadores locais do futebol. Embora o críquete seja a modalidade mais praticada na região, as pessoas receberam os brasileiros com muito entusiasmo. Empolgadas, puderam acompanhar jogadores de alto nível. "A primeira viagem contou com a participação de Silas, Müller e Sidney", revela Marco Aurélio Cunha, superintendente de Futebol tricolor. "Na outra, integraram a delegação Antônio Carlos e Ronaldão."

Agora, não foi diferente. Com uma equipe formada por atletas experientes, como o zagueiro Flávio Donizete e o meia Vélber; e diversos jovens valores, dos quais se destacaram

ATLETAS

Goleiros	Meio-de-campo
Alex	Vélber
Mateus	David
Zagueiros	Da Silva
Carlinhos	Francisco Alex
Cazão	Hernanes (ou ala)
Flávio Donizete	Jean (ou ala)
Lateral-esquerdo	Marco Antonio
André	Atacantes
Lateral-direito	Fabício
Tiago	Caiuby
Volante	Mazola
Arthur	Pablo
	Paulo Matos

Francisco Alex, Hernanes e Marco Antonio, o São Paulo FC voltou para o Brasil com resultados positivos. Foram cinco vitórias, 17 gols marcados e nenhum sofrido.

Fora de campo, a excursão também rendeu. Milhares de pessoas acompanharam os jogos e o nome da agremiação paulista ficou estampado em inúmeros *outdoors* nas cidades pelas quais passou. "Sempre o São Paulo FC é bem lembrado na Ásia por ser o time campeão do mundo no Japão. Até a Coreia fala do Tricolor", a firma Marco Aurélio. Carlos Caboclo, diretor de Relações Internacionais da equipe, vai além. "Esse é o tipo de coisa que repercute muito na Europa, principalmente na Inglaterra."

O PLANTEL que representou o clube na Ásia preparou-se no Centro de Formação de Atletas Laudo Natel, em Cotia. Nove dias antes de entrar no avião, os atletas superaram o primeiro desafio, que foi encarar o São José, time da Série A2 do Campeonato Paulista. O jogo-treino serviu para Muricy Ramalho, técnico do elenco principal, observar os jogadores mais atentamente. O campo principal do CCT da Barra Funda foi o palco em que Francisco Alex, Vélber e Paulo Matos garantiram o placar de 3 a 0.

O embarque da delegação ocorreu em 22 de janeiro e, cinco dias mais tarde, os são-paulinos, já acostumados com o fuso horário, entraram em campo. A cidade de Siliguri, localizada no sopé do Himalaia, promoveu uma tarde festiva para receber os brasileiros. Os 15 mil presentes, incluindo autoridades municipais, estaduais e minis-

tros, assistiram à estréia da representação do Morumbi, que, com tentos de Carlinhos, Paulo Matos e Jean, bateu o East Bengal Football Club, líder do Campeonato Indiano, por 3 a 0.

Afora ter sido a partida com o maior número de gols de toda a excursão, o segundo jogo contou com o melhor público. Mais de 35 mil pessoas lotaram o Estádio de Tata, em Jamshedpur, para ver uma sonora goleada são-paulina sobre o Mohammedan Sporting Club: 6 a 0. Hernanes e Francisco Alex balançaram as redes duas vezes. André e Pablo marcaram os outros gols.

O terceiro embate foi em Calcutá contra o Mohun Bagan Athletic Club, um dos times mais tradicionais da Índia. O São Paulo FC venceu por 2 a 0: o zagueiro Flávio Donizete e o meia Marco Antonio anotaram os tentos. A quarta partida foi realizada em Cochin, região litorânea onde aportou o navegador Vasco da Gama em outros tempos. O Tricolor fez 3 a 0 no Viva Keral. Marco Antonio, Da Silva e Hernanes construíram o placar. A despedida da delegação deu-se na capital, Nova Délhi. Envolventes, os paulistas fizeram 3 a 0 no JCT Mills. Francisco Alex marcou dois e Paulo Matos, um.

DURANTE O PERÍODO de 21 dias em que permaneceram em solo indiano, jogadores, comissão técnica e dirigentes conviveram com uma realidade completamente diferente da sua. A comida foi o principal obstáculo enfrentado, mas, logo, foi resolvido. "Eles usam pimenta do reino como se fosse sal", comenta Marco Aurélio.

Francisco Alex, recém-contratado da Ferroviária de Araraquara, sentiu dificuldades. "A primeira semana foi um pouco mais complicada. Após isso, porém, tiramos de letra", explica oartilheiro brasileiro na excursão. As baixas temperaturas representaram outro empecilho. "Nunca viajei e lá estava muito frio", conta o meia.

GOLEADORES

Francisco Alex	4
Hernanes	3
Marco Antonio	2
Paulo Matos	2



DIVULGAÇÃO

DELEGAÇÃO

Juvenal Juvêncio
Presidente
Marcelo Portugal Gouvêa
Diretor de Planejamento e Desenvolvimento
Ademar de Barros
Presidente do Conselho Deliberativo
Luiz Antonio da Cunha
Chefe da Delegação
Carlos Alberto de Mello Caboclo
Diretor de Relações Internacionais
Marcos Francisco de Almeida
Diretor-Adjunto de Futebol
Marco Aurélio Cunha
Superintendente de Futebol
Antonio Carlos da Silva
Treinador
Wellington Valquer Coelho
Preparador físico
Almir Rosano de Oliveira Lima
Massagista
Cícero Venâncio Feitosa
Roupeiro
Derville Silva
Segurança

Como resultado imediato dessa peregrinação, Francisco Alex e Hernanes foram integrados ao elenco principal, além do goleiro Mateus, que já fazia parte da equipe dirigida por Muricy Ramalho.

Graças ao acerto entre o grupo Tata, que forneceu a estrutura necessária; e Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo FC; essa visita pôde ser consumada. "O Juvenal está atento a essas excursões e gostou muito do Expressinho", afirmou Caboclo. Segundo Marco Aurélio, a experiência foi válida. Tanto que o Tricolor já pensa em outras viagens. China, Japão e, novamente, Índia, afora Inglaterra, são os possíveis países a serem visitados em breve.

1º JOGO

SÃO PAULO 3 X 0 SERTÃOZINHO

SERTÃOZINHO André Luís; Ricardo Lopes, Erivelton, Paulo Turra e Jailson; Emerson (Leandro Moreno), Ceará, Paulo Santos (Fabiano) e Alexandre; Izaías (Márcio Mixirica) e Márcio Cris **Técnico:** Nenê Belarmino

SÃO PAULO Rogério Ceni; Reasco, Miranda, André Dias e Júnior (Alex Silva); Josué, Souza, Hugo (Jadilson) e Leandro; Aloísio e Borges (Thiago) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Aloísio aos 29min e aos 35min do primeiro tempo; Hugo aos 19min e Fabiano aos 30min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Jailson, Paulo Santos e Ricardo Lopes; Hugo, Leandro e Reasco **Data:** 18/1 **Juiz:** José Henrique de Carvalho **Local:** Estádio Municipal Frederico Dalmaso, Sertãozinho

2º JOGO

SÃO PAULO 1 X 0 ITUANO

SÃO PAULO Rogério Ceni; Reasco (Alex Silva), Miranda, André Dias e Júnior; Josué, Souza, Hugo e Leandro; Borges (Thiago) e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

ITUANO Márcio; Flavinho (Jackson), Paulo César, João Paulo e Márcio Goiano; Daniel, Adoniram, Flávio e Éder (Elvis); Everaldo e Sorato (Glaucivan) **Técnico:** Ademir Fonseca

Gol: Júnior aos 14min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Leandro, André Dias e Aloísio; Everaldo, João Paulo, Daniel, Paulo César e Elvis **Data:** 21/1 **Juiz:** Sálvio Spinola Fagundes Filho **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

3º JOGO

SÃO PAULO 2 X 2 PAULISTA

PAULISTA Victor; Marco Aurélio, Dema, Marcus Vinícius e Fábio Vidal (Eduardo); Rever, Marcelo Oliveira, Diogo (Marcos Dener) e Gláucio; Victor Santana (Leandrinho) e Gilson **Técnico:** Vagner Mancini

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Alex Dias e Miranda; Leandro, Josué, Souza, Hugo e Júnior (Jadilson); Borges (Thiago/Lenílson) e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Diogo aos 45min e Borges aos 46min do primeiro tempo; Hugo aos 9min e Gláucio aos 49min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Dema e Júnior; Borges e Aloísio **Data:** 24/1 **Juiz:** Cléber Wellington Abade **Local:** Estádio Jaime Cintra, Jundiaí

4º JOGO

RIO CLARO 0 X 2 SÃO PAULO

RIO CLARO Luiz Henrique; Baiano, Gerson e Andrei; Vagnão, Daniel Rossi, Vágner (Marcelinho), Adãozinho e Renan; Vinícius e Vidinha (Laércio) **Técnico:** Paulo Roberto

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Miranda e André Dias; Souza, Josué, Leandro, Hugo (Lenílson) e Jadilson; Borges (Thiago) e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Aloísio aos 19min e Alex Silva aos 32min do primeiro tempo **Cartões Amarelos:** Andrei e Daniel Rossi; Hugo e André Dias **Data:** 28/1 **Juiz:** Rodrigo Braghetto **Local:** Estádio Augusto Filho, Rio Claro

5º JOGO

SÃO PAULO 1 X 1 SANTO ANDRÉ

SÃO PAULO Rogério Ceni; André Dias, Alex Silva e Miranda; Souza (Reasco), Josué, Leandro, Hugo e Júnior (Jadilson); Borges (Thiago) e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

SANTO ANDRÉ Júnior Costa; Alexandre, Júnior Paulista, Luiz Henrique e Pará; Galeano (Lello), Roger Bernardo (André Luiz), Bruno e Catatau; Makelele (Jéferson) e Sandro Gaúcho **Técnico:** Luís Carlos Ferreira

Gols: Sandro Gaúcho aos 14min e Alex Silva aos 40min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Rogério Ceni e Hugo; Bruno **Data:** 1/2 **Juiz:** Robério Pereira Pires **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

6º JOGO

NOROESTE 1 X 1 SÃO PAULO

NOROESTE Fabiano; Bonfim, Fábio e Toninho; Edno, Deda, Otacílio Neto (Bruno), Hernani e Éder; Vandinho e Leandrinho (Bruno Campos) **Técnico:** Paulo Comelli

SÃO PAULO Rogério Ceni; Edcarlos, Alex Silva e Miranda; Reasco, André Dias, Josué, Leandro, Lenílson (Rafinha) e Jadilson; Aloísio (Thiago) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Lenílson aos 11min e Vandinho aos 32 do segundo tempo **Cartões amarelos:** Hernani e Vandinho; André Dias, Jadilson, Alex Silva e Edcarlos **Data:** 4/2 **Juiz:** Paulo César de Oliveira **Local:** Estádio Alfredo de Castilho, Bauru

7º JOGO

SÃO PAULO 3 X 0 SÃO BENTO

SÃO PAULO Rogério Ceni; Reasco, Alex Silva, Miranda e Jadilson; Josué, Fredson, Lenílson e Hugo; Leandro e Borges (Rafinha) **Técnico:** Muricy Ramalho

SÃO BENTO Rafael; Emerson, Fábio Lima, Cléber e Patrick; Everton, Thiago Almeida, Denis e Michel (Elias); Roberto Santos e Davi (Sérgio) **Técnico:** Freddy Rincón

Gols: Hugo aos 44min do primeiro tempo; Lenílson aos 11min e aos 38min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Hugo e Miranda; Denis e Cléber **Data:** 7/2 **Juiz:** Marcelo Aparecido Ribeiro Souza **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

8º JOGO

SÃO PAULO 3 X 1 CORINTHIANS

SÃO PAULO Rogério; Miranda, André Dias e Alex Silva; Reasco, Josué, Fredson, Lenílson e Jadilson; Leandro (Rafinha) e Aloísio (Hugo) **Técnico:** Muricy Ramalho

CORINTHIANS Marcelo; Marinho, Betão e Marquinhos (Jaílson); Rosinei, Marcelo Mattos, Magrão, Willian (Daniel) e Elton (Arce); Roger e Wilson **Técnico:** Emerson Leão

Gols: Lenílson aos 30min e Rogério Ceni aos 44min do primeiro tempo; Leandro aos 13min e Wilson aos 36min do segundo tempo **Cartões Amarelos:** Miranda, André Dias e Aloísio; Marquinhos e Magrão **Cartões Vermelhos:** Jadilson; Magrão **Data:** 11/2 **Juiz:** Paulo César de Oliveira **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

9º JOGO

AMÉRICA-SP 4 X 2 SÃO PAULO

AMÉRICA-SP André Zuba; Eduardo Luiz, Fred, Sanabria e Jamur (Rafinha); Doriva, Júnior (Luiz Henrique), Martheus e Adriano Peixe; Pedro Henrique (Du) e Felipe **Técnico:** Márcio Bittencourt

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, André Dias e Miranda; Ilsinho (Maurinho), Josué, Souza, Hugo e Júnior; Leandro (Lenílson) e Marcel (Rafinha) **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Souza aos 20min e Hugo aos 35min do primeiro tempo; Josué aos 2min, Leandro aos 21min, Rafinha aos 23min e Adriano Peixe aos 47min do segundo tempo **Cartões Amarelos:** Luiz Henrique, Matheus e Fred; André Dias **Cartões vermelhos:** Luiz Henrique e Sanabria **Data:** 17/2 **Juiz:** Antônio Rogério Batista do Prado **Local:** Estádio Benedito Teixeira, São José do Rio Preto

10º JOGO

JUVENTUS 0 X 2 SÃO PAULO

JUVENTUS Deola; Thiago, Reginaldo e Gian; Ivan, Almir, Naves, Élder (Maxsandro) e João Paulo; Léo Mineiro (Renatinho) e Nil (Adriano) **Técnico:** Arthur Bernardes

SÃO PAULO Rogério Ceni; André Dias, Miranda e Alex Silva; Ilsinho (Reasco), Josué, Souza (Fredson), Hugo (Lenílson) e Júnior; Leandro e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Hugo aos 46min do primeiro tempo e Alex Silva aos 37min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Naves e Maxsandro; Ilsinho, Hugo e Miranda **Cartões vermelhos:** Reginaldo; Miranda **Data:** 3/3 **Juiz:** Wilson Luiz Seneme **Local:** Estádio do Pacaembu, São Paulo

11º JOGO

SÃO PAULO 2 X 1 GUARATINGUETÁ

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Edecarlos e André Dias (Rafinha); Ilsinho, Fredson, Souza, Jorge Wagner (Marcel) e Júnior; Lenílson (Hernanes) e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

GUARATINGUETÁ Edson Bastos; Nelsinho (Geovane), Carlinhos, Rafael e Júnior; Tobi, Célio, Alê e Vandinho (Caetano); Michel (Leandro) e Dinei **Técnico:** Toninho Cecílio

Gols: Dinei aos 21min do primeiro tempo; Souza aos 18min e Marcel aos 39min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Ilsinho e Rafinha; Carlinhos, Michel e Vandinho **Data:** 8/3 **Juiz:** Claudinei Forati Silva **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

12º JOGO

SANTOS 1 X 1 SÃO PAULO

SANTOS Fábio Costa; Denis (Pedrinho), Adailton, Antônio Carlos e Kleber; Rodrigo Souto (Carlinhos), Maldonado, Cléber Santana e Zé Roberto; Marcos Aurélio e Rodrigo Tiuí (Jonas) **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex Silva, Miranda e Edecarlos; Ilsinho (Reasco), Josué, Fredson (Hugo), Souza (Hernanes) e Jadilson; Leandro e Aloísio **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Ilsinho aos 30min do primeiro tempo; Carlinhos aos 46min do segundo tempo **Cartões amarelos:** Rodrigo Souto, Maldonado, Rodrigo Tiuí, Kleber e Jonas; Souza **Data:** 11/3 **Juiz:** Antônio Rogério Batista do Prado **Local:** Estádio da Vila Belmiro, Santos

O time mais completo do campeonato brasileiro só podia ter a loja mais completa da web.

Produtos esportivos oficiais e licenciados do São Paulo em um único lugar. Rapidez e eficiência que você prova aqui e no campo.



ACESSE:

WWW.SAOPAULOMANIA.COM.BR



Clube apresenta camisa

No Anhembi, em fevereiro, durante a realização da Couromoda, a Reebok, fornecedora de material esportivo do São Paulo FC, lançou os uniformes que já estão sendo usados na temporada 2007.

Totalmente de poliéster, eles contam com a tecnologia Play Dry, que facilita a evaporação. As camisas ficaram mais confortáveis, pois estão menos quentes e pesadas, e seu design tem mais recortes e detalhes.

A novidade ficou por conta da inclusão do logo da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) na manga direita em comemoração ao tetracampeonato nacional, que foi conquistado em 2006. O logotipo da Reebok está estampado na parte frontal da camisa, abaixo do escudo e nos ombros. Ainda foram apresentados os uniformes para os campeonatos internacionais. Embora os dois modelos sejam tradicionais, ambos contam com gola que remete aos anos 80. As peças foram exibidas por Bosco, Richarlyson, Miranda, Ilsinho, Borges e Edcarlos.

Prestigiaram o lançamento, entre outras personalidades, Juvenal Juvêncio, presidente são-paulino; Marco Aurélio Cunha, superintendente de Futebol; Francisco Santos, presidente da Couromoda; e Walter Feldman, secretário municipal de esportes, além de membros da diretoria executiva e integrantes da comissão técnica do clube.

Site oficial tem NOVO LAYOUT

No início deste ano, o São Paulo FC mudou o formato de sua *home page*. Com *layout* arrojado e moderno, o site tricolor traz novidades a fim de melhorar ainda mais esse importante recurso de integração entre clube, torcedores e associados.

Além de notícias do futebol profissional, futebol amador e complexo social, a *home* disponibiliza outras ferramentas interativas. Para facilitar a navegação, o conteúdo foi atualizado e as seções ganharam cara nova.

Prestigie a página oficial do São Paulo FC: www.saopaulofc.net



CRAQUES DO FUTURO

Diego e Tomas, netos do conselheiro vitalício Paulo Planet Buarque, que treinam no São Paulo Futebol Center de Joinville, Santa Catarina



Mais um são-paulino no pedaço

Enzo, neto do conselheiro vitalício Odair Busoli: a família tricolor não pára de crescer



RUBENS CHIRI

Presidente mundial da LG visita o Morumbi

Em fevereiro, a diretoria do São Paulo FC recebeu a visita de Mr. Yong Nam, presidente mundial da LG Electronics, patrocinadora do clube. Acompanhado por dirigentes tricolores, ele fez um passeio pelo Estádio do Morumbi que incluiu visitas ao Camarote da LG e ao Memorial.



História

Duas personalidades lado a lado: Muricy Ramalho, atual treinador, recebendo homenagem na Festa das Personalidades do Ano, em 1975, das mãos do padrinho Laudo Natel, patrono do São Paulo FC, ex-presidente do clube e ex-governador do Estado de São Paulo

Capela

O associado do clube passou a contar, na área social, com uma Capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida, na "Praça dos Esportistas", no centro de uma área verde onde o paisagismo foi totalmente remodelado. Em estilo rústico, lembrando um ambiente campestre, foi construída com estrutura de dormentes antigos e paredes de tijolos de barro reaproveitados, assentados à vista com argamassa mista de areia, cal e terra. No dia 18 de março, houve a cerimônia de benção do local, realizada pelo Padre Manoel, com a presença do presidente Juvenal Juvêncio, diretores e associados.



FOTOS RUBENS CHIRI



Jogos com sabor especial

A partida entre São Paulo FC e Bragantino, ocorrida em 25 de fevereiro, foi diferente. Na entrada do time em campo, além das tradicionais crianças,

idosos puderam acompanhar os jogadores até o centro do gramado do Estádio do Morumbi. Rogério Ceni soube da iniciativa quando estava nos

vestiários e, em sua opinião, a atitude foi bacana. "A terceira idade e as crianças são muito puras." O atacante Aloísio sentiu-se mais animado. "Para nós, é muito gostoso ver essas senhoras lindas e maravilhosas", disse. "A presença delas nos motivou a entrar e jogar bem mais." No fim, o Tricolor ganhou por 1 a 0 da equipe de Bragança Paulista.

A iniciativa foi tão positiva que voltou a ocorrer em 28 de março, no jogo contra o Rio Branco. Novamente, um grupo de senhores entrou em campo com a equipe.



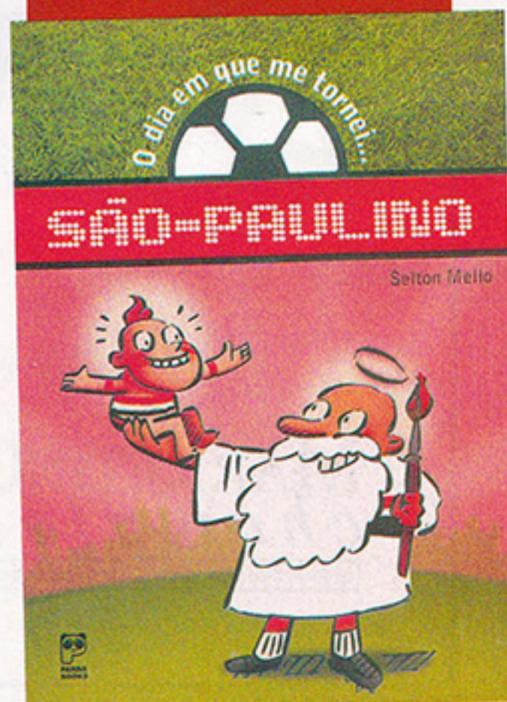
RUBENS CHIRI

Leitura divertida

Lançado recentemente, *O Dia em que me Tornei São-Paulino*, escrito pelo ator e diretor de filmes Selton Mello, traz um enredo cheio de criatividade. Este livro, que faz parte de uma série de outros que retratam todos os grandes clubes do Estado, tem um caráter fictício. Sua história se passa em 2036. Nesse ano, o presidente do clube é ninguém menos que Rogério Ceni e a equipe acabou de conquistar seu 12º Mundial Interclubes – o freguês da ocasião é o Chelsea. No Estado, a agremiação vê crescer a rivalidade com outros adversários. Palmeiras e Corinthians, afinal, não existem mais. *No Dia em que me Tornei São-Paulino* é uma boa alternativa de leitura ao torcedor que procura diversão com inteligência.

O DIA EM QUE ME TORNEI SÃO-PAULINO

Autor: Selton Mello
 Editora: Panda Books
 Páginas: 108
 Preço: R\$ 19,90



ias

São Paulo FC é seleção

Em 8 de março, Dunga, técnico da seleção, divulgou a lista de jogadores que disputaram os amistosos contra Chile e Gana, nos dias 24 e 27, nas cidades suecas de Gotemburgo e Estocolmo.

As boas surpresas foram a presença dos são-paulinos **Josué** e **Ilzinho**, além do fisioterapeuta Luiz Rosan. O volante vestiu a amarelinha pela primeira vez na despedida de Romário da seleção, que ocorreu em abril de 2005. Agora, pôde reencontrar o ex-companheiro Mineiro, recentemente transferido para o Hertha Berlin, da Alemanha. Já o lateral-direito teve a oportunidade de fazer sua estréia.

Afora os três representantes são-paulinos, o equatoriano **Reasco**, reserva de Ilzinho, foi convocado para defender seu país nos amistosos contra Estados Unidos e México, em 25 e 28. As partidas ocorreram em território americano.



Batismo Tricolor continua atraindo torcedores

No dia 24 de fevereiro, cerca de 150 torcedores participaram de mais uma edição do Batismo Tricolor. O casal Henri Castelli e Isabelli Fontana levou o filho Lucas ao Estádio do Morumbi. Além do garoto, o evento contou com a presença de Sidnei Sharihotsu Marciano, que teve a sua audição devolvida após passar por uma moderna cirurgia.

Quem quiser fazer parte desse valioso projeto pode se inscrever pelo site oficial (www.saopaulofc.net) ou por carta enviada para BATISMO TRICOLOR - Estádio Cícero Pompeu de Toledo, A/C Departamento de Marketing - Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1 - Morumbi - SP - Cep: 05653-070.



FOTOS RUBENS CHIRI



Ou você é bom de bola ou fica dono da bola.

Faça Marketing Champion. Isso é mais que um convite. É uma convocação.

Atividades práticas ocorrerão no campo do São Paulo Futebol Clube, na cidade de São Paulo. As despesas de transporte e hospedagem já estão incluídas no valor do programa.

MARKETING
champion

CURSO AVANÇADO em ADMINISTRAÇÃO e MARKETING do ESPORTE

- São Paulo
- Rio de Janeiro
- Porto Alegre



ESPM
www.espm.br

**SEJA VOCÊ
TAMBÉM UM
SÓCIO-TORCEDOR**



Rogério comemora seu gol no jogo SPFC 3 x 0 Mogi-Mirim - Arte: Iair Amorim - Foto: Rubens Chiri

www.sociotorcedor.com.br

0800-120812

Atend. Seg. à Sex. - 9h00 às 18h00

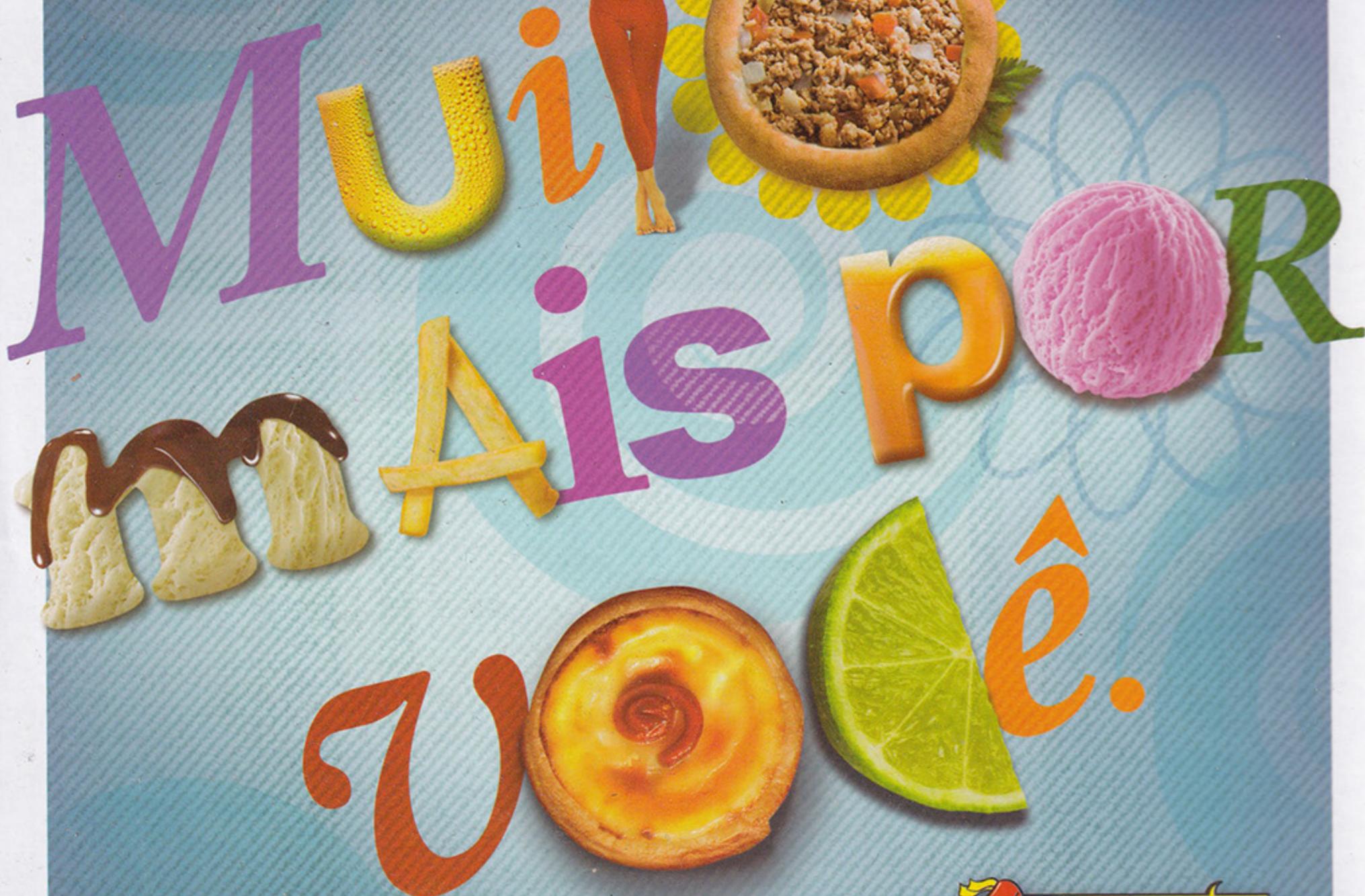


Muito mais gente.

Na vida é assim. cada um é de um jeito.
Alto, baixo, loira, morena, careca, cabeludo.
Seja qual for o seu jeito, o Habib's
faz muito mais por você.

Muito mais gostoso.

Quando a gente fala que faz muito mais por você,
é muito mais mesmo. Bib'sfiha, kibe, pastel, pizza,
fogazza, sanduíche, salada, beirute, pastelzinho
de Belém, milk shake, sorvete, suco,
mousse, taça Habib's, chopp,
vinho e muito mais.



Muito mais qualidade.

Sabe por que o Habib's é tão gostoso?
Porque fabrica os próprios pães, queijos, sorvetes.
Só usa carnes e ingredientes de primeira,
e tudo é controlado por uma central de qualidade.
Sabe por que é tão barato? Porque produz
600 milhões de Bib'sfihas, 25 milhões de kibes
e 20 milhões de pasteizinhos de Belém por ano,
e só quem vende muito pode vender por tão pouco.



Muito mais serviços.

Se quiser relaxar, nós temos garçons. Se você estiver
com pressa, pode passar no drive-thru.
Se quiser comer em casa, pode pedir para viagem.
Se não quiser sair de casa, Delivery Habib's.
(São Paulo 5696 2828 e outras localidades 0800 778 2828).

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ